

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

**A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE PARA
A HABILITAÇÃO GENERALISTA: A IMPORTÂNCIA
DO TATO PEDAGÓGICO**

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de
Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-
Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Autor: Ana Luísa Matos Raposo

Orientadores: Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves
| Doutora Maria Clara de Faria Guedes Vaz Craveiro

Fevereiro de 2012

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE PARA A HABILITAÇÃO GENERALISTA: A IMPORTÂNCIA DO TATO PEDAGÓGICO

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Autor: Ana Luísa Matos Raposo

Orientadores: Doutora Daniela Alexandra Ramos

Gonçalves | Doutora Maria Clara de Faria Guedes Vaz

Craveiro

Fevereiro de 2012

Resumo

O trabalho que se apresenta insere-se no âmbito do relatório de estágio na prática de Estágio II em Ensino Básico – 1º Ciclo, do mestrado em especialização de formação de professores em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, para a aquisição do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Este procurou descrever e analisar a intervenção educativa, salientando o modo como contribuímos para o crescimento e sucesso escolar das crianças.

A fundamentação teórica deste relatório é baseada em autores de referência para dos dois contextos de intervenção, tendo em conta toda a intervenção educativa. A sustentação nos referentes teóricos e os processos metodológicos utilizados, ao longo dos estágios constituíram a base para o desenvolvimento pessoal e profissional que conduziu ao processo de profissionalização.

A experiência de estágio proporcionou a continuidade educativa entre as duas valências. Esta tornou evidente a comparação entre estes dois níveis de ensino, espelhando as semelhanças e as diferenças entre a Educação Pré-Escolar e o Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Palavras – chave: Educação Pré-Escolar, Educação no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Crianças, Aprendizagens; Intervenção Educativa; Projetos; Atividades;

Abstract

This following work presents itself as the internship report of the “internship II” practice subject in 1 st Cycle of Basic Education, on the specialization in the teachers’ formation master’s degree for the Preschool Education and 1 st Cycle of Basic Education, for the acquisition of the master’s degree in 1 st Cycle of Basic Education and 1 st Cycle of Basic Education. This report seeks to describe and analyze the educational intervention, underlining the way how we contribute for the children’s development and school success.

The theoretical foundation of this report is based on the authors of the reference for two intervention contexts, taking into account all the educational intervention.

Support regarding the theoretical and methodological processes used throughout the stages formed the basics for personal and professional development that led to the professionalization process. The internship experience has provided the educational continuity between the two valences. This has led to evidence the comparison between this two teaching levels, reflecting the similarities and differences between the Preschool Education and the 1 st Cycle of Basic Education.

Key-words: Preschool Education, 1 st Cycle of Basic Education, children, learning; educational intervention; projects; Activities;

Índice Geral

I. INTRODUÇÃO	3
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
IV. CONTEXTO ORGANIZACIONAL.....	24
1. Caracterização das Instituições	24
2. Intervenção Educativa	31
3. Avaliação das Aprendizagens.....	43
V. REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO.....	47
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
VII. BIBLIOGRAFIA.....	53

Índice de Anexos

- a) Inquérito por questionário realizado aos pais da turma do 1º ano de escolaridade
- b) Reformulação dos questionários realizados aos pais da turma do 1º ano de escolaridade
- c) Inquérito realizado à turma do 1º ano de escolaridade (hábitos de estudo)
- d) Registos fotográficos realizados nas duas valências
- e) Documento de Avaliação (PIP) utilizado no Pré-Escolar
- f) Grelhas de Avaliação das atividades das duas valências
- g) Registo fotográfico do dia do Pai e da visita ao Visionário
- h) Registo gráfico das idades dos dois grupos de crianças
- i) Caracterização da família (idade e profissão)
- j) Caracterização dos grupos de crianças (nível cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e motor)

- k) Registos e grelhas de observação nas duas valências
- l) Reorganização do espaço da sala do Pré-Escolar
- m) Disposição da sala do 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico
- n) Planificação do Pré-Escolar de tabela para rede
- o) Planificação do 1º Ciclo do Ensino Básico – a evolução
- p) Planificação e reflexão semanal (a justificação) e grelha de acompanhamento da prática profissional (1º Ciclo)
- q) Registo fotográfico do projeto “A Natureza”
- r) Registo fotográfico do projeto “As Profissões”
- s) Registo fotográfico da festa de finalistas (a inclusão dos dois projetos)
- t) Pesquisas realizadas pela turma do 1º ano de escolaridade com o acompanhamento dos pais
- u) Atividades desenvolvidas no 1º Ciclo do Ensino Básico
- v) Ficha de grafismo da letra “m” e a ficha de autoavaliação das crianças
- w) Reflexão sobre as limitações e obstáculos vividas nas duas valências
- x) Reflexão sobre a visita a uma instituição cooperante na valência do Pré-Escolar

Índice de Quadros

- I. Gráfico nº 1 – A diferença dos sexos (Educação Pré-Escolar)
- II. Gráfico nº 2 – A diferença dos sexos (1º Ciclo do Ensino Básico)
- III. Gráfico nº 3 – Os meses de aniversários das crianças da Educação Pré-Escolar
- IV. Gráfico nº4 – Os meses de aniversários da turma do 1º ano de escolaridade
- V. Gráfico nº 5 – Idade dos pais (Educação Pré-Escolar)
- VI. Gráfico nº 6 – Idade dos pais (1º Ciclo do Ensino Básico)
- VII. Tabela nº 1- As datas de nascimento (Educação Pré-Escolar)
- VIII. Tabela nº 2 - As datas de nascimento (1º Ciclo do Ensino Básico)
- IX. Tabela nº 3 – Idade dos pais (Educação Pré-Escolar)
- X. Tabela nº 4 – Idade dos pais (1º Ciclo do Ensino Básico)
- XI. Tabela nº5 – Atividade sócio-económica dos pais (Educação Pré-Escolar)
- XII. Tabela nº 6 - Atividade sócio-económica dos pais (1º Ciclo do Ensino Básico)

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado para a unidade curricular de Estágio II em Ensino Básico – 1º Ciclo, de Mestrado de Formação de Professores em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e tem como finalidade especificar o que foi realizado ao longo de vários meses na prática educativa, enquanto estagiária.

Os estágios realizaram-se nas valências de educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. O primeiro realizou-se numa instituição de Ensino Particular e Cooperativo (EPC), enquanto o segundo estágio realizou-se num estabelecimento da rede pública que pertence a um agrupamento de escolas. Ambas as instituições situam-se na freguesia de Nevogilde, no distrito do Porto, abrangendo as valências de jardim-de-infância e o 1º Ciclo do Ensino Básico.

O primeiro estágio decorreu na valência de jardim-de-infância, com um grupo de crianças com 5 anos. A equipa pedagógica desta sala era constituída por uma educadora de infância, uma auxiliar de ação educativa e por 25 crianças. Durante os meses de estágio nesta instituição o horário realizado foi das 9h às 12:15h e das 14h às 16:15h.

Em relação ao estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico, este decorreu numa das salas do 1º ano de escolaridade e dela faziam parte a professora e 26 crianças. O horário realizado durante o estágio foi das 9h às 12h e das 13:30h às 15:30h. Em ambas as instituições, fazia parte do horário duas horas de planificação, sendo estas divididas em planificações semanais com a educadora/professora cooperante.

Nestes estágios, pretendia-se desenvolver as seguintes competências: o desenvolvimento do pensamento crítico, a comunicação, assim como a caracterização e comparação dos estabelecimentos das duas instituições, através da análise dos documentos do regime de autonomia, administração e gestão a atuar em conformidade; aplicar de forma integrada os conhecimentos necessários para a concretização da intervenção educativa; dominar métodos e técnicas relacionadas e adequadas ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças; planificar, concretizar e avaliar a intervenção educativa; reflectir sobre a necessidade da continuidade pedagógica entre a educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

O relatório inicia-se com a introdução, fazendo-se de seguida o enquadramento teórico, tecendo-se considerações relativas à educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, assim como aos seus princípios pedagógicos. Ao dar enfoque ao

conceito de educação, refere-se o papel que o agente educativo tem na sua prática pedagógica. De seguida, considera-se a perspetiva de vários autores, salientando-se Vygostsky, e Dewey, através dos seus princípios pedagógicos sustentadores da prática pedagógica. Posteriormente, centrou-se nos modelos curriculares High-Scope, Reggio Emilia, abordando o trabalho de projecto, uma metodologia utilizada por muitos portugueses e abordada por vários autores.

No capítulo II, enunciamos os procedimentos metodológicos utilizados, ao longo do tempo de estágio. Neste capítulo, faz referência a algumas características da metodologia de investigação–acção, assim como a técnicas e o instrumentos de recolha de dados utilizados, assim como o processo de análise dos dados.

Com a caracterização dos contextos onde decorreram os estágios (comparando os dois contextos), dá-se início ao capítulo IV, abordando-se a caracterização do grupo, da família, assim como à descrição e interpretativa da intervenção educativa, aplicando os conhecimentos adquiridos. No final do capítulo, faz-se uma abordagem à avaliação das aprendizagens, salientando toda a estratégia definida, bem como os métodos utilizados para realizar esta avaliação.

No ponto V, torna-se evidente a reflexão sobre a construção da profissionalização, salientando todos os aspectos (bons e menos bons) que foram vivenciados.

Na última parte do relatório, fazem-se as considerações finais que mencionam a contribuição desta experiência de estágio, tanto ao nível de desenvolvimento profissional como pessoal, perspetivando-se novos percursos dentro da educação.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

No sentido de referir a pertinência teórica deste trabalho, vai-se dar conta de vários conceitos relacionados com a educação Pré-Escolar e sobre a educação no 1º Ciclo do Ensino Básico, assim como de vários pedagogos que nestas valências contribuíram para a nossa prática educativa.

O estágio tem como função mostrar as características da atividade profissional aos futuros **educadores/professores** de maneira a dar-lhes a noção daquilo que vão enfrentar no seu futuro profissional.

Em relação à educação Pré-Escolar, segundo o artigo 2º presente na Lei - Quadro 5/97 de 10 de Fevereiro de 1997, esta é referida como sendo *a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família (...)*, sendo essencial que a participação da família favoreça a integração e o desenvolvimento da criança. Este artigo refere ainda para a educação Pré-Escolar que nesta fase é fundamental (...) *a ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança (...)*. Posto isto, o **educador** tem um papel fundamental em todo este processo, pois será ele um elemento fulcral quer na construção de aprendizagens significativas no seu grupo de crianças quer na estreita cooperação com as famílias e todos os agentes envolvidos na educação das mesmas, tal como refere as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Este documento refere ainda que aos **educadores** cabem ainda as funções de *incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade* uma vez que os educadores, como elo de ligação entre as duas realidades da criança, entre a casa e a escola, deverão desenvolver um trabalho de cooperação com as famílias no sentido de dar continuidade à educação dos seus filhos. Dado que este documento é fundamental na orientação de qualquer educador, durante a intervenção educativa serviu de base para toda a prática desenvolvida.

Segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto - Perfis específicos de desempenho profissional do Educador de Infância e Professores de 1º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da relação e da ação educativa, o **educador/professor** deve *envolver as famílias e a comunidade nos projectos a desenvolver*. Como tal, no decorrer do estágio estabeleceu-se um estreito envolvimento parental, dado que *a família e a instituição de educação Pré-Escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança (...)* (Ministério da Educação, 1997:43) e, uma vez que, *aos pais e encarregados de educação e aos alunos é reconhecido o*

direito de participação na vida do agrupamento de escolas ou escola não agrupada. (Decreto-Lei nº 75/2008, ART 47º).

Segundo Zabalza, (1998:110) a educação Pré-Escolar é entendida como *um meio onde a criança é ajudada no seu desenvolvimento pessoal e na aquisição de capacidade e de valores considerados como essenciais pelo meio humano em que se vive.* A educação Pré-Escolar oferece à criança oportunidades de usufruir de experiências educativas diversificadas, tendo em conta o seu processo de aprendizagem. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:19), *ao interagir com os seus pares, a criança constrói o seu desenvolvimento e aprendizagem e contribui para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros.* É no trabalho em grupo que as crianças têm oportunidades de confrontar ideias uns com os outros e resolver problemas. O facto de haver trabalhos grupo de crianças, estes tornam-se muito importante para o processo de aprendizagem e sobretudo em atividades pedagógicas. As crianças aprendem desta forma se tiverem educadores capazes de lhes proporcionar ambientes de aprendizagens fundamentais para que estejam envolvidas no processo de ensino – aprendizagem. O trabalho em pequenos grupos foi outra estratégia que se aplicou na prática, uma vez que, (...) *o trabalho de grupo coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e reagir.*” (Pato, 2005:9). Tal facto permitiu que as crianças melhorassem as suas habilidades sociais, promovendo de certo modo a socialização entre as diferentes crianças/adultos.

Segundo Craveiro (2007:11), *a educação de um futuro educador começa muito antes da sua entrada no Ensino Superior.* Todos nós somos influenciados pelo meio que nos rodeia e, principalmente, pelas pessoas que nos educam (família, amigos, educadores). Também as nossas crenças e valores auxiliam-nos a construir uma imagem desta profissão e do perfil do educador, muitas vezes irreal e distorcida. A educação está em constante mudança, sendo o futuro imprevisível. Posto isto, Craveiro (2007:12) refere que se deve (...) *possibilitar aos alunos, futuros professores, compreenderem e apropriarem-se de novos paradigmas da educação, que actuem como uma rampa de lançamento para o construir de uma nova concepção de professor/educador e de prática docente.* Ao longo do curso tudo isto foi proporcionado, uma vez que possibilitou a mudança da imagem desta profissão.

Em relação ao ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, a Lei de Bases do Sistema Educativo, no seu artigo nº 7 refere que *o ensino básico constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ou menos ampla, o princípio*

democrático que informa todo o sistema educativo (...), (Ministério da Educação, 2004:11) sendo assim uma etapa essencial à vida de todos os estudantes. Como tal, recorreu-se, durante a prática pedagógica, ao Currículo Nacional do Ensino Básico - Programas, onde estão contemplados os objetivos das diferentes áreas curriculares, socorreu-se também do livro das Competências Essenciais e das Metas de Aprendizagem. Os manuais adotados pelo agrupamento, que abrange a escola onde se estagiou, também serviram de suporte no decorrer da prática pedagógica, pois respeitavam o programa curricular para esta valência.

Como em todas as valências, o 1º Ciclo do Ensino Básico também tem objetivos estipulados na Lei de Bases do Sistema Educativo, dos quais se destaca: *assegurar uma formação geral comum (...) que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade (...); fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos; participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias; e criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos*. Para que estes objetivos fossem cumpridos, foram realizadas atividades que estimulasse a criatividade e autonomia das crianças, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada uma.

Como tal, cabe ao profissional de educação assegurar as estratégias, os métodos e as técnicas que visem promover os objetivos estipulados para os diferentes níveis de educação e ensino. Para que isto aconteça, o **educador/professor** necessita de fazer uma reflexão prévia para que a planificação vá ao encontro dos interesses das crianças e que ao mesmo tempo seja flexível.

Quando se fala em currículo na educação Pré-Escolar, há que pensar em (...) *incluir todas as atividades (...) privilegiando-se o currículo oculto e dando importância às relações sociais que as crianças estabelecem no contexto educativo*. (Serra, 2004:34) Neste sentido, se o currículo na Educação Pré-Escolar, contempla atividades planificadas intencionalmente, não deixam de ser importantes, aquelas que emergem das situações do quotidiano e por isso são planificadas previamente.

No 1º Ciclo do Ensino Básico, embora o professor deva ter em conta o caráter flexível da planificação, este terá de contemplar atividades intencionalmente planeadas com base nos conteúdos e objetivos elencados para este nível de ensino.

O **educador e o professor** têm um papel preponderante na educação dos seus discentes e como tal, são os responsáveis pela organização dos ambientes educativos, proporcionando o pleno desenvolvimento dos educandos. É crucial que as

crianças/ alunos sejam motivados e encorajados a organizar e preparar as suas próprias aprendizagens, desencadeando assim atitudes mais autónomas e por conseguinte, mais responsáveis. Deve existir uma troca constante de saberes, uma partilha de conhecimento, um diálogo onde o **educador/professor** sirva como orientador, mediador, guia e aconselhador das aprendizagens dos educandos. Todavia, o respeito deve ser mútuo para que se promova o sucesso educativo.

O conceito de aprendizagem tem, ao longo dos tempos, assumido diferentes ideias tendo em conta as perspetivas pedagógicas que o definem. Neste sentido, vários pedagogos sustentam a melhor aprendizagem, tendo em conta diferentes linhas de abordagem. Para John Dewey (in Craveiro, 2007: 107), a educação tem como finalidade propiciar às crianças condições para que resolvam por si próprios os seus problemas.

Dewey (in Craveiro, 2007:101) defende que *o ambiente educativo que o educador providencia, influencia em grande parte a aprendizagem da criança*. Este pedagogo diz que a organização do ambiente educativo tem uma importância primordial no desenvolvimento da criança. Este propõe que o ambiente permita às crianças, desde cedo, terem o máximo contato com o meio e com a natureza.

Posto isto, a sala deixa de ser um local onde a criança esteja quieta e passiva, passando, segundo Craveiro (2007:100) a ser um *lugar de vida, de actividade e de trabalho*. Com isto, a criança deve ter um papel activo nas suas aprendizagens e, para isso, esta deve aprender através da experiência e da sua acção. Assim, sendo deve-se centrar no aluno e ter atenção os seus interesses e ao contexto social em que está inserido. O espaço onde a criança está inserida devem ser propícios às aprendizagens, sejam espaços amplos onde as crianças possam brincar livremente.

Segundo o Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto - Perfis específicos de desempenho profissional do Educador de Infância e Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico, dentro da sala o educador deve disponibilizar e utilizar (...) *materiais estimulantes e diversificados* (...). Assim, conseguirá com mais facilidade motivar e prender a atenção da criança. Quanto ao espaço exterior, este é muito importante para todo o desenvolvimento da criança.

O espaço deve ser explorado de modo a aproveitar todos os recursos disponíveis, e já agora de modo a proporcionar momentos de passeios. Para Freinet (in Craveiro, 2007:135), o que *está fora da escola é vital para uma aprendizagem que se liga à vida* (...). Para que isto seja concretizado, este autor cria as "Aulas-Passeio" que visam uma oportunidade para a criança contactar com o mundo cultural fora da

escola. Durante a prática pedagógica os passeios foram frequentes para que o grupo de crianças/alunos pudessem contactar com o meio social e cultural.

John Dewey (1952) considera a escola como um local de experiência social, onde a criança não deve ser ensinada a viver, mas sim ter um papel social. A criança deve viver os seus momentos, apreendendo com os erros que comete. Este pedagogo refere que o educador tem como função criação ou a seleção de experiências, que deverão ser estimulantes. Refere ainda o interesse da criança *como impulsionador de momentos de pesquisa, estudo e exploração de conhecimento*, (Craveiro, 2007:105) uma vez que o educador deve proporcionar momentos de interesse das próprias crianças. É essencial que existam momentos, onde as crianças possam vivenciar experiências tanto individualmente como em grupo, para que possa partilha-las com todos.

No ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico, a organização do ambiente educativo também é muito importante e, segundo Zabalza (1998:261), cabe ao **professor** que *exerça um papel ativo em todo o processo que envolve a organização e que começa com a concretização das intenções educativas e do método de trabalho que irá utilizar (...)*. Nos dois níveis de educação e ensino (Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico), a organização do ambiente educativo é essencial, uma vez que ambos os ambientes são locais de aprendizagem e desenvolvimento do grupo de crianças. Como tal, segundo o Decreto-Lei nº 241/2001, o agente educativo deve começar por *organizar o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas*. Dado que as salas onde os educandos estão inseridos são locais de aprendizagem e desenvolvimento, tal facto implica uma (...) *organização e gestão dos tempos, espaços, materiais e equipamentos*. (Serra, 2004:17). Neste sentido, tentou-se, juntamente com as crianças/alunos transformar a sala num lugar escrupulosamente organizado e acolhedor, com vista a constituir um (...) *ambiente rico e estimulante de aprendizagens* (Zabalza, 1998:241).

Posto isto, a sala deixa de ser um local onde a criança esteja quieta e passiva passando a ser segundo Craveiro (2007:100) *um lugar de vida, de atividade e de trabalho*. Como tal, a criança deve ter um papel ativo nas suas aprendizagens e, para isso, esta deve aprender através da experiência, da sua ação e da tentativa-erro. Esta pedagogia é aberta e centra-se no aluno, tem em atenção os seus interesses e o contexto social em que está inserido.

Freinet (1975:23) dá bastante importância ao espaço, sendo que deve estar apetrechado com inúmeros materiais, jogos e sobretudo de terem espaço para as crianças brincarem. Os materiais existentes nas diferentes salas eram de livre acesso, estavam devidamente acomodados nos respetivos armários e na sua maioria eram materiais recicláveis que permitiam segundo Hohmann, (1992:51) (...) *construir, escolher, criar, experimentar* (...). Para além dos espaços, este autor valoriza o tempo. A rotina diária deve respeitar os diferentes ritmos das crianças, assim como as suas idades, bem como as necessidades e os seus interesses.

Em ambas as valências utilizou-se uma organização de espaço diferente, sendo que no 1º Ciclo do Ensino Básico as mesas encontravam-se por filas dispostas pela área livre, enquanto na sala da instituição de Educação Pré-Escolar, este encontrava-se estruturado com divisórias delimitadas por áreas de interesse do grupo e segundo áreas de trabalho e de acordo com os projetos de sala. Segundo Oliveira - Formosinho (2003:6), é *através dos projetos que as crianças adquirem hábitos de questionamento, de trabalho de grupo e de resolução de problemas*. Os projetos podem surgir de uma simples pergunta, sendo que de seguida tem que existir pesquisa, para depois começar a intervir na atividade. O projeto pode ser individual, em pares ou em grupo, e no final tem que ser comunicado a todas as crianças o que aprenderam com a elaboração do projeto.

Na visão de Jonh Dewey (in Marques, 2000:123), a escola moderna (...) *seria encarada como um microcosmo social, onde a organização democrática, a resolução de problemas, o Trabalho de Projeto constituem os instrumentos adequados para a formação de cidadãos amantes da democracia*. Assim, para este autor, o Trabalho de Projeto permite passar de uma ideia para uma ação, estruturando assim diferentes fases ao longo do processo. O projeto tem de ter um contexto social, espacial e temporal. Terá uma dimensão cultural e permitirá que as pessoas aprendam experimentando. É fundamental, também, que o Trabalho de Projeto tenha uma componente avaliativa.

Segundo Craveiro (2007:99), tal como Dewey refere o Trabalho de Projeto, outros autores como: Lilian Katz, Teresa Vasconcelos e Loris Malaguzzi também o defendem. Katz (1997:3) define-o como (...) um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo. Tal acontece através da exploração de um tema pertinente, que pode ou não surgir das crianças, no entanto tem de ser do seu interesse. Vasconcelos (2000:42) refere que os projetos podem ser iniciados pelas crianças, pelos educadores, pelas situações e contextos vivenciados.

Continuando este modelo, menciona que o trabalho de projeto fomenta uma atitude de pesquisa tanto pelas crianças como pelos educadores. Posto isto, toda a aprendizagem, ao longo da aplicação do Trabalho de Projeto deve ser apoiada pelo educador. Este deve ter um papel ativo e responsável, incentivando a participação dos alunos e envolvendo toda a comunidade.

Segundo Malaguzzi, (2008:103), no Modelo Reggio Emilia, este defende *que (...) as famílias têm o direito de estar informadas sobre o desenvolvimento dos seus filhos e o direito de participar em toda a ação educativa. Ao envolver (...) a participação das famílias, educadores e a comunidade mais alargada na educação das crianças, procura-se melhorar a qualidade do atendimento que lhes é prestado e dar uma resposta às necessidades sociais das famílias e comunidade. Este método, segundo Vieira (2005:32) (...) pressupõe uma grande implicação de todos os participantes na identificação e resolução de um problema, considerado de interesse pelo grupo (...)* Constatava-se que as crianças/alunos ao envolverem-se em projetos partilham os seus conhecimentos, expressam-se em grande grupo e assumem por isso um papel ativo. É fundamental que o agente educativo envolva as famílias e a comunidade nas atividades que estão a desenvolver nas salas. Como tal, no decorrer do estágio na instituição privada em Educação Pré-Escolar estabeleceu-se um envolvimento parental, dado que *a família e a instituição de educação Pré-Escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança (...)*. (Ministério da Educação, 1997:43)

O Modelo Reggio Emilia dá importância à aprendizagem através da ação e ao planeamento de projectos, desenvolvendo nas crianças a capacidade expressiva e cognitiva. Aqui, as crianças colocam várias questões, tomam decisões e resolvem os seus problemas sozinhos. Neste modelo, as crianças são incentivadas a investigar e a fazer as suas próprias descobertas, no entanto têm sempre por perto o educador que apoia na investigação. Posto isto, é fundamental que o educador observe a criança e como refere Lino (1998:99), *saber quando a criança está pronta para receber o apoio necessário que a ajudará a avançar mais um passo no processo de aprendizagem.*

Para além deste modelo curricular, outros modelos como o Movimento da Escola Moderna, o Modelo Curricular High-Scope recorrem à metodologia do Trabalho de Projeto. Os princípios fundamentais do currículo High-Scope, segundo Hohmann e WeiKart (2009:20) são *a aprendizagem ativa, a interação adulto/criança, assim como o contexto de aprendizagem, dando uma importância à organização do espaço e dos materiais que dele fazem parte. O modelo High-Scope tem por base a teoria de*

desenvolvimento de Piaget que parte da premissa que a criança aprende pela ação. Este modelo tem uma orientação construtivista, onde a aprendizagem ativa é definida como a aprendizagem em que a criança constrói o seu conhecimento. O modelo High-Scope baseia-se no desenvolvimento das crianças, considerando a criança como aprendiz ativo que aprende melhor através das atividades que ela própria planeia. Posto isto, Hohman e Weikart (2009:20) referem que *a aprendizagem é vista como uma experiência social envolvendo interações significativas entre crianças e adultos.*

Com tudo o que foi referido, o Trabalho de Projeto é um método eficaz, uma vez que, com este, o que se espera da criança é que tenha um papel ativo, desenvolvendo a sua aprendizagem através da ação, da experiência e da descoberta. Esta aprendizagem deve ser direcionada face aos seus interesses e expectativas, assim, o tema ou o problema a ser trabalhado deve estar em conformidade com a vontade manifestada.

No sentido de se poder obter um ensino mais eficiente, aplicou-se técnicas e estratégias dinâmicas e motivadoras, uma vez que como refere Machado (2011:95), *as matérias inseridas nos programas, e, por isso mesmo, obrigatórias, não têm necessariamente de ser aborrecidas.* Como tal, ao longo da prática respeitou-se os conteúdos programáticos definidos para o 1º Ciclo do Ensino Básico e tentou-se transmiti-los de forma dinâmica, como por exemplo através do jogo que se caracteriza como sendo (...) *uma estratégia de ensino (...) que envolve determinadas restrições que constituem as regras, instruções ou procedimentos (...).* (Vieira 2005: 28). Esta dinâmica foi aplicada nas duas valências pois verificou-se que os alunos manifestavam interesse e motivação, isto porque, segundo Orlick (in Murcia, 2005:46) *jogar é o meio ideal para uma aprendizagem social positiva, pois é natural, ativo e muito motivador para a maior parte das crianças.* Foi através do lúdico que se conseguiu desenvolver atividades divertidas e educativas, propiciou-se situações de interação entre os alunos e o professor numa aula diferente e criativa, sem ser rotineira. O facto de serem os próprios alunos a explorar e descobrir faz com que estes aprendam pela ação.

Dewey (in Craveiro, 2007:106) *menciona que o educador deve apoiar a ação da criança para que a aprendizagem seja efetiva a vários níveis.* Assim, é importante que o **educador** descubra os verdadeiros interesses da criança para se apoiar nos mesmos. A curiosidade natural da criança deve ser aproveitada pelo educador e valorizada, dirigindo-a para a investigação do conhecimento.

O **educador** deve apoiar a criança na sua ação, independentemente de quem parte a ideia a ser trabalhada. Este tem como papel, criar condições para que a aprendizagem seja ativa e que seja a própria criança a obter respostas às questões. Desta forma, o educador deve evitar dar respostas, levando a que a criança formule as suas hipóteses e as descubram por sua iniciativa.

Um aspeto importante desta aprendizagem, pela ação, é (...) *a liberdade de a criança decidir onde vai trabalhar, com o que vai trabalhar, o que vai fazer e o modo como vai fazer.* (Banet, 1992:185) Em ambas as valências, a teoria construtivista esteve presente, a criança/aluno foi capaz de planificar e executar livremente as suas próprias atividades, tendo como orientador o **educador/professor**.

O agente educativo é um líder capaz de criar uma visão partilhada, baseada em valores. Deve existir uma troca constante de saberes, uma partilha de conhecimento, um diálogo onde o **educador/professor** sirva como orientador, mediador, guia e aconselhador das aprendizagens dos educandos. Todavia, o respeito deve ser mútuo para que se promova o sucesso educativo.

Como um dos principais agentes responsáveis pela Educação Pré-Escolar, cada **educador** deverá cumprir os objetivos estabelecidos na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (nº5/1997) referida anteriormente, entre os quais se destaca *promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática, numa perspetiva de educação para a cidadania (...)*, uma vez que nenhuma criança é igual, e que todas têm ritmos diferentes de aprendizagem e desenvolvimento. O **educador** deverá por isso ter em conta as características do seu grupo de crianças, e tentar incutir comportamentos que contribuam para *a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade.* Cada vez mais se verifica uma multiculturalidade nos jardim-de-infâncias, e as crianças deverão crescer e desenvolver-se nestes grupos, respeitando as diferenças e as semelhanças, e tentando tirar partido de todas estas culturas, que contribuíram para formar os cidadãos do futuro, que se pretende que sejam *autónomos, livres e solidários.*

Katz e Chard (1997:44) afirmam que os conhecimentos das crianças *estão frequentemente enraizados no contexto em que foram adquiridos* e, de facto, para as crianças pequenas, os conteúdos das suas aprendizagens devem estar relacionados com acontecimentos que elas possam viver. O **educador** deve assumir, então, um papel de orientador e dinamizador deste processo de interação entre a criança e o

meio envolvente - contexto de aprendizagem, contribuindo para o aumento da participação cada vez mais ativa da criança. Segundo o Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto, menciona que cabe ao **educador** promover (...) *o envolvimento da criança em atividades e em projetos da iniciativa desta, do grupo, do educador ou de iniciativa conjunta (...)* e fomentar (...) *a cooperação entre as crianças (...)*. Durante a prática pedagógica promoveu-se esta cooperação através dos projetos vivenciados na valência de Educação Pré-Escolar, bem como através dos trabalhos realizados em grupo.

Segundo Katz (1997:168), o **educador** deve exercer o papel de (...) *responsável, por estabelecer expectativas claras para o trabalho e a conduta e um clima geral que facilite a livre troca de informações, bem como, (...) pode utilizar muitos meios para fortalecer a predisposição das crianças para serem engenhosas e independentes à medida que trabalham em projectos*. Posto isto, segundo a autora, o educador deve ser o responsável por organizar o espaço e fornecer recursos que facilitem a criança nas suas pesquisas e descobertas.

Cabe ao **educador/professor** fortalecer, valorizar e iniciar a sistematização das experiências proporcionando aprendizagens cada vez mais complexas e significativas para a criança, encorajando-a a resolver os seus próprios problemas, e assim iniciar novas aprendizagens. Dewey (in Craveiro, 2007:106) refere que o agente educativo tem como função a criação de experiências que deverão ser estimulantes. A forma como estas são apresentadas às crianças, devem ser produtivas e criativas. É crucial que as crianças sejam motivadas e encorajadas a organizar as suas próprias aprendizagens ativas, os seus conhecimentos, modificando as suas atitudes, sendo mais autónomas e mais responsáveis. John Dewey (1952) refere que as crianças deveriam ter um papel ativo na sua própria aprendizagem (aprender fazendo). Sendo assim, a aprendizagem deixa de ser caracterizada por uma transmissão do conhecimento, mas sim passa a ser realizada através das experiências da criança, tendo o educador como um guia.

Tanto o **educador** como o **professor** são responsáveis por promover aprendizagens curriculares, fundamentando assim a sua prática profissional, resultante na utilização de diversos saberes. Assim, e segundo o Decreto-Lei Nº 241/2001 de 30 de Agosto, o **professor** assume-se como *um profissional de educação, com a função específica de ensinar pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiando na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa e enquadrado em orientações de política educativa*. Como tal, para que o **professor**

possa exercer a sua responsabilidade pedagógica com profissionalismo, Baptista (2005:108) refere que (...) *é preciso que o professor desenvolva competências científicas e técnicas que o habilitem para a complexidade e diversidade de respostas educativas.*

Segundo o Decreto acima referido, menciona que o **educador/professor** deve (...) *utilizar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os obstáculos e os erros, na construção das situações de aprendizagem escolar (...).* É preciso também que o **professor** seja atento e sensível à pessoa de cada aluno e à sua história. Baptista (2005:108) refere ainda que o **professor** deve promover a (...) *a autonomia dos alunos, bem como deve fomentar (...) a participação activa dos alunos na construção e prática de regras de convivência (...).* Estas foram algumas práticas que se verificaram durante os estágios das duas valências. Todavia, a par desta intencionalidade educativa destaca-se a importância da procura do (...) *equilíbrio nas tarefas propostas aos alunos* (Estanqueiro, 2010:15), para se poder respeitar os ritmos dos alunos e também para evitar que desmotivassem.

Como tal, não basta planificar com rigor, preparar cada lição ou saber escolher os recursos didáticos mais vantajosos, é necessário ser capaz de ir ao encontro da pessoa de cada aluno. O recurso aos materiais de áudio/vídeo e o feedback dos alunos foram cruciais durante a intervenção educativa, uma vez e como refere Estanqueiro (2010:25), (...) *o elogio é um poderoso instrumento de motivação.* Qualquer ser humano gosta de ouvir elogios, seja de quem for. O trabalho de preparação requer uma tomada de decisão (sobre o que vai acontecer numa determinada aula) e daí ficando-se a dever uma reflexão sobre a prática. Esta prática reflexiva deveria ser encarada por todos intervenientes inseridos no âmbito da educação, e os professores deve ser o exemplo disso. Segundo Baptista (2005:115), *a reflexão sobre a experiência permite transformar as dificuldades e os erros em oportunidades de aperfeiçoamento (...) sendo que esta experiência possa ser devidamente refletida.* Cabe então, ao **professor** refletir sobre as suas experiências para que possa melhorar e ter um sucesso profissional.

Segundo Stenhouse (in Alarcão, 2000:4) *os professores ainda têm um longo caminho a percorrer para que tenham uma base de investigação em cima da qual construam um programa desenvolvimento profissional.* Assim sendo, o **professor** é entendido como um profissional reflexivo na sua ampla dimensão educativa, política e social. Ser professor-investigador é ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona. Segundo Alarcão (2000:6) ser

professor-investigador é ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intencionalmente e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução. O principal objetivo da reflexão é pensar no que fizemos, qual o processo, as estratégias, os materiais utilizados, qual reação das crianças e qual o produto que resultou daí. Posto isto, e ao longo da intervenção educativa, a estagiária foi capaz de se questionar, refletindo sobre o seu desempenho e só assim é que se consegue ser um verdadeiro profissional.

O **educador/professor** é o responsável pelas estratégias que utiliza e que segue na prática, especialmente quando esta prática envolve situações de incerteza quanto a pessoas. Segundo Nunes (2000:10), *a tarefa do educador torna-se mais exigente e mais comprometida como o processo de condução da prática*. Assim sendo, podemos situar a emergência do professor como prático reflexivo. Segundo Zeichner (in Nunes, 2000:10), *o conceito de professor como prático reflexivo reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos bons professores*. Todavia, o **professor** não deve ficar à espera que alguém do exterior lhe diga o que deve ou como deve fazer. Neste sentido, no estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico, a função do par pedagógico foi, antes de mais, a de ajudar o par/ **professor** a fazer a observação do seu próprio ensino, a analisar, interpretar e reflectir sobre os dados recolhidos e a procurar melhores soluções para as dificuldades e problemas que vão surgindo. Como tal, este processo segundo Gonçalves (2010:71) *deve antes, promover uma relação espontânea, de entreaajuda, não dificultando os objetivos essenciais: o desenvolvimento humano e profissional do professor e a qualidade das aprendizagens dos alunos*. Este relacionamento foi sem dúvida uma mais-valia em todo o processo da intervenção educativa no estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, cabe ao profissional de educação durante a sua prática educativa observar, planificar, agir e no final avaliar.

Segundo o Decreto-Lei nº 241/2001, cabe ao agente educativo durante toda a sua prática pedagógica, que *observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação (...)*, de seguida, *planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta que os dados recolhidos na observação e na avaliação (...)* e ainda *avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo*. Posto isto, sabe-se que cabe ao educador e ao professor do 1º Ciclo do Ensino Básico, observar, planificar, agir e avaliar.

A observação foi determinante em ambas as valências, uma vez que permitiu conhecer as crianças, os seus interesses e necessidades de cada uma. A observação foi o meio essencial para a construção da planificação, envolvendo-se a criança e o adulto em todo esse processo, uma vez que, segundo Hohmann, Banet e Weikart, (2009:249) quando estas *planeiam, começam com uma intenção pessoal, um objetivo, um propósito*. No entanto, na Educação Pré-Escolar esta planificação é realizada de uma forma mais facilitada, uma vez que não há nenhum programa a cumprir. Ao contrário do que acontece no 1º Ciclo do Ensino Básico, no entanto a planificação é realizada na mesma.

Freinet (in Craveiro, 2007:135) considera fundamental dar voz à criança na planificação e avaliação das atividades. Este criou os planos de trabalho que permitem que as crianças dividam as atividades e tarefas em conjunto com o **educador**, sendo educadas para uma autonomia e responsabilidade. Posto isto e segundo o mesmo autor *só há desordem quando isso falta na organização do trabalho, quando a criança não se sente integrada numa atividade que corresponda aos seus desejos e às suas possibilidades*. Esta planificação não é rígida, existindo um espaço para os interesses que surjam da parte das crianças. No que respeita à avaliação, o Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de Agosto refere que o agente educativo *utiliza a avaliação, nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação*. Posto isto, o **educador/professor** para além de avaliar as aprendizagens das suas crianças, tem que avaliar a sua prática educativa, pois só assim é que tem noção do seu desempenho. Se o docente reconhecer que cada aluno (...) *é muito mais do que um nome ou número da pauta (...)* (Machado, 2011:57) mais facilmente o aluno alcançará o sucesso. Isto porque, o **professor** deve recorrer a pedagogias diferenciadas, de modo a que evidenciem o progresso dos alunos. Desta forma, o agente educativo deve evitar dar respostas, levando a que a criança formule as suas hipóteses e as descubram por sua iniciativa. O **educador/professor** deve envolver a comunidade educativa em todo o processo, uma vez que esta exerce um papel essencial na vida das crianças. Assim sendo, deverá existir uma continuidade educativa entre o **educador** e o **professor** do 1º Ciclo do Ensino Básico. Segundo o Decreto-Lei nº 220/97 de 4 de Agosto, cabe ao **educador (...)** *promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória (...)*. Já o Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto - Perfis específicos de desempenho profissional do Educador de Infância e Professor do 1º

Ciclo do Ensino Básico, menciona que cabe ao docente de 1º Ciclo do Ensino Básico promover (...) *a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1º Ciclo do Ensino Básico com as da educação Pré-Escolar (...)*. Como se pode verificar, é dever do **educador** e do **professor** do 1º Ciclo do Ensino Básico assegurar esta continuidade entre as diferentes valências de ensino. Segundo Daniello (in Serra, 2004:76) o profissional de educação deve também estabelecer *a articulação curricular (...) para que possamos respeitar o processo evolutivo natural da criança*. Sabe-se que a articulação e segundo Figueiredo (2006:9) a (...) *possibilidade das crianças contactarem com as escolas antes da sua entrada são condições facilitadoras da transição (...)*. Como tal, foram realizadas várias atividades para fomentar a articulação entre estes dois níveis de ensino, tentando assim assegurar a continuidade educativa. É de salientar que nesta continuidade educativa os pais e encarregados de educação desempenham uma parceria preponderante, mas para que tal aconteça é necessário que o **educador** e o **professor** se tornem, segundo Serra (2004:19) (...) *mediadores entre a família e a escola, uma vez que a família é um local privilegiado de relações afectivas e o primeiro elo de ligação entre a criança e a sociedade*.

Ao longo da prática pedagógica, considerou-se que a escola é um local de oportunidades onde se deve respeitar os interesses e os ritmos de cada criança, promovendo a participação das famílias e a continuidade educativa.

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em educação é fundamental questionar as nossas opções metodológicas e práticas e é essencial que haja um esforço de observação, análise, reflexão e pesquisa. Sendo as nossas práticas educativas passíveis de reflexão e toda a reflexão passível de alterar as nossas práticas, foi este um dos motivos que se levou a optar por um trabalho com características de investigação-ação.

Para tal, o educador/professor deverá adotar uma metodologia que se adequa à sua prática, de modo a que os seus procedimentos estejam em conformidade com os interesses observados e evidenciados pelas crianças.

Nos dois estágios realizados na valência de jardim-de-infância e 1º Ciclo do Ensino Básico, foi efetuado um trabalho com características de investigação-ação, tendo em conta que esta parte do pressuposto de que o profissional é competente e capacitado para formular questões no âmbito da sua prática, para identificar objetivos a prosseguir e escolher as estratégias e metodologias apropriadas para conseguir os melhores resultados.

Segundo Cohen e Manion, (1989:223) definem a investigação-ação como

Sendo um procedimento essencialmente in loco, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo, durante períodos de tempo variáveis, através de diversos mecanismos (entrevistas, diários), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em mudanças de acordo com o processo em curso.

A investigação-ação não se limita a projetos levados a cabo por docentes num contexto educacional. Segundo estes mesmos autores a investigação-ação adequa-se sempre que *seja requerido um conhecimento específico para um conhecimento específico para um problema específico numa situação específica, ou sempre que se queira aplicar uma nova abordagem a um sistema existente.*

Este tipo de investigação não é considerada um método nem uma técnica, consiste numa abordagem que se revela particularmente agradável para os docentes, devido à sua ênfase prática na resolução de problemas, visto que são agentes da educação.

O professor investigador, ao longo do processo, tem que fazer ajustes na investigação do problema e observar, planear, atuar e refletir sobre que faz no seu dia-a-dia.

Para a realização deste estudo empírico de natureza mais exploratória, foi centrado os conteúdos que se queria ver estudados. Esta fase caracterizou-se na

aplicação de uma metodologia de natureza qualitativa e na sua posterior análise/reflexão.

Em investigação educacional são diversas as possibilidades e as opções metodológicas a serem utilizadas. No que respeita à metodologia, para quem realiza um trabalho desta natureza, tem que levar a cabo a pesquisa e esta visar um maior entendimento e aperfeiçoamento do seu desempenho durante um período de tempo. É fundamental que o trabalho de investigação seja planeado de forma sistemático, dependendo do método utilizado, bem como da informação pretendida. Foi considerado pertinente seguir uma metodologia de investigação qualitativa, pois foi entendido que seria a mais adequada para perceber toda a complexidade da realidade de estudo.

A investigação qualitativa privilegia, essencialmente a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos de investigação. Posto isto, a investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. Segundo Bogdan e Biklen (1994:16), a expressão *investigação qualitativa é vista como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características*. Os dados recolhidos nesta investigação são designados por qualitativos, ou seja ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas e locais, documentos, entre outras coisas. Ao utilizar esta metodologia neste trabalho pretende-se refletir sobre a dinâmica da prática educativa na Educação Pré-Escolar e no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico com o objetivo de melhorar ou alterar.

Para tal, neste trabalho pretende-se investigar para compreender a prática educativa, tendo como método de trabalho a pesquisa e análise de documentos da instituição, análise de documentos das crianças e análise documental dos projetos vivos (“As Profissões” e a “Natureza”), neste caso no estágio realizado na Educação Pré-Escolar. Só assim, é que se faz um trabalho com características de investigação-ação, tendo as informações necessárias para a elaboração do mesmo.

Em ambos os estágios, o trabalho desenvolvido foi idêntico. O desenvolvimento deste estudo sofreu várias etapas. A primeira etapa, de natureza documental, foi realizada uma análise aos documentos da instituição, (Projeto Educativo, Projeto Curricular Escola, Projeto Curricular Turma, Regulamento Interno) assim como dos documentos das crianças, exemplo disso foram os portefólios.

Numa segunda etapa, de natureza exploratória, teve como principal finalidade perceber a evolução no processo de ensino aprendizagem das crianças ao longo

destes meses. Esta etapa caracterizou-se na aplicação de uma metodologia de natureza qualitativa, com a realização de entrevistas aos pais das crianças pela educadora cooperante, no início do ano letivo, referente ao estágio da Educação Pré-Escolar.

No caso concreto do estágio do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, em vez de entrevistas foram realizados questionários aos pais, na primeira reunião realizada em setembro. (anexo a) No entanto, depois da leitura destes, e como uma grande maioria estava mal preenchidos, o grupo de estagiárias decidiu reformulá-lo, optando por questões mais diretas. (anexo b) Para além dos pais, as crianças também tiveram a possibilidade de responder a algumas perguntas relacionadas com o seu estudo (local, acompanhamento e recursos que utilizam) que o grupo de estagiárias decidiu fazer para melhor compreenderem os hábitos de estudo das crianças. (anexo c)

Na fase de análise e interpretação dos dados foram recolhidos e analisados os vários dados recolhidos através dos instrumentos utilizados. Para além dos instrumentos referidos em cima, mais técnicas e instrumentos de recolha de dados foram utilizados, como a observação participante, que é uma técnica que nos permite ser atores e investigadores ao mesmo tempo. A observação, direta e participante é (...) *uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que deseja compreender um meio social que, à partida, lhe é estranho ou exterior e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente nas atividades das pessoas que nele vivem*, (Bogdan e Biklen, 1994:17) foi a técnica mais utilizada durante os estágios, pois esteve sempre presente em todos os momentos.

No estágio realizado na sala dos 5 anos na instituição de ensino da Educação Pré-Escolar, a implementação dos projetos de sala foi uma boa opção metodológica para verificar as aprendizagens realizadas pelas crianças ao longo das várias atividades. Segundo Cortesão (2002:38), *um projeto é, deste modo, uma porta aberta sobre a curiosidade dos alunos com o reconhecimento das competências básicas do trabalho (...)*. Com a inclusão do baú mágico num dos projetos, promoveu uma integração no desenvolvimento da criatividade das crianças. Na sala do 1º ano de escolaridade não houve qualquer implementação de qualquer projeto de sala, uma vez que o ensino básico depende dos conteúdos a trabalhar e do programa estipulado pelo Ministério da Educação que deve ser cumprido. Como tal, é muito complicado aplicar esta metodologia nas salas do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, no entanto há instituições que recorrem a esta metodologia, principalmente num 1º ano de escolaridade, sendo um ano de complemento da Educação Pré-Escolar.

Segundo Oliveira-Formosinho (2008:19), a participação das crianças numa investigação como sujeitos ativos *poderá ser promovida através de diferentes formatos de escuta, nomeadamente a observação e o registo, a documentação fotográfica ou a análise das produções das crianças*; os registos fotográficos e os registos das atividades. (anexo d)

Segundo Bogdan e Biklen (1994:20), *as pesquisas qualitativas interessam-se mais pelos processos do que pelos produtos*. Com isto, entre as técnicas de pesquisa qualitativa a técnica da entrevista, do questionário e a observação participante, são algumas das técnicas que melhor dão resposta a este tipo de investigação.

De acordo com estes autores *o objetivo principal da abordagem qualitativa é o de compreender de uma forma global as situações, as experiências e os significados das ações e das percepções dos sujeitos através da sua descrição*.

Nestes trabalhos, o grande objetivo de estudo foi perceber se a prática educativa tinha melhorado e se contribuiu para uma evolução no processo de ensino aprendizagem de todas as crianças envolvidas.

Ao pensar na realização de uma investigação, foi necessário refletir e selecionar as formas de recolher informação. No estágio efetuado na Educação Pré-Escolar, foi observado o grupo de crianças e no final com o auxílio do documento de avaliação, Plano de Implementação do Programa (PIP) foi avaliado a integração das crianças nas atividades assim como o ambiente físico. (anexo e) Segundo Oliveira-Formosinho (2002), o PIP constituiu um *instrumento de avaliação do grau de implementação do currículo num contexto concreto de educação de infância*. Este instrumento avalia o espaço físico, rotina diária, interação adulto/criança e interação adulto/adulto, permitindo analisar o contributo destas quatro secções para a qualidade das práticas educativas.

Na sala dos 5 anos em Educação Pré-Escolar, com o desenvolvimento do projeto de sala, também foi possível avaliar as aprendizagens que as crianças fizeram na realização de diversas atividades. (anexo f) Com a construção e preenchimento de grelhas de avaliação de atividades, foi possível verificar os conhecimentos que as crianças adquiriram, assim como a sua integração nas atividades.

Em relação aos resultados obtidos nesta investigação, é salientado a importância da integração criança/criança quer no ambiente educativo, quer nas brincadeiras, quer no trabalho cooperativo desenvolvido aquando da realização das atividades. Com a utilização do PIP foi mais fácil caracterizar e avaliar esta integração, uma vez que este documento apresenta vários parâmetros a serem avaliados, referidos anteriormente.

Em relação ao estágio do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, o PIP não foi utilizado, no entanto utilizou-se uma grelha de autoavaliação preenchidas pelas crianças no final da aprendizagem de uma nova letra, na área de Língua Portuguesa. No entanto, enquanto o grupo participava nas atividades, a estagiária preenchia as grelhas de avaliação incluindo observações e comentários. (anexo f) Isto verificou-se nas primeiras atividades, pois o tempo era escasso e era impossível preencher as grelhas em plena sala de aula, por vezes esse preenchimento era realizado pelo par pedagógico.

A integração de todas as crianças envolvidas neste trabalho é fundamental para uma boa aprendizagem e sobretudo para um bem-estar entre todas as partes. Aqui o educador/professor é responsável por proporcionar um bom ambiente na sala e ser o grande impulsionador das relações existentes entre criança/criança e muitas vezes entre criança/adulto.

IV. CONTEXTO ORGANIZACIONAL

1. Caracterização das Instituições

O trabalho que aqui se documenta realizou-se numa instituição de ensino privado e numa escola da rede pública.

Para melhor caracterizar o contexto educativo, foi necessário realizar uma análise aos documentos da instituição, nomeadamente do Projeto Educativo (PE), do Regulamento Interno (RI), do Plano Anual de Atividades (PAA) e do Projeto Curricular de Turma (PCS) das duas instituições. Estes são de extrema importância, uma vez que é onde se reflete um conjunto de normas e valores defendidos pelas instituições e pelas pessoas que o constituem. Sendo assim, foi essencial fazer a leitura e consequente análise de cada um deles, tendo em conta os normativos legais, a fim de caracterizar os dois contextos educativos.

Relativamente à instituição de ensino de Educação Pré-Escolar, foi verificado que constrói o seu próprio Projeto Educativo (PE), através da participação de todos os intervenientes da vida escolar, conferindo assim uma autonomia. Segundo o Decreto-Lei nº 43/89 de 3 de Fevereiro, *a autonomia da escola concretiza-se na elaboração do Projeto Educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar (...).*

Segundo Costa (1991:23/24) um Projeto Educativo (PE) é entendido como um *documento pedagógico que, elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola (...), apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos pela instituição, e enquanto instrumento de gestão, é ponto de referência orientador na coerência e unidade da ação educativa.*

Segundo este documento, esta instituição é um estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo (EPC), a funcionar em regime de autonomia pedagógica, assegurando dois níveis de educação de acordo com os normativos e autorização pelo Ministério da Educação: Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Estas duas valências também são asseguradas pela instituição do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, onde ocorreu o último estágio, no entanto este estabelecimento é de ensino público.

O horário de funcionamento da instituição é das 8h às 19horas. Segundo o Projeto Educativo, a instituição de ensino privado identifica-se como uma *escola Católica, onde é ministrada formação integral, baseada nos valores éticos e cristãos,*

segundo o estilo desenvolvido pelos Fundadores e Educadores. Ora, isto é evidenciado também na sala onde decorreu o estágio do pré-escolar, existindo um local apelidado de “Cantinho do Jesus”. Este local era muito especial, continha uma cruz de Cristo e uma fotografia da mãe de uma menina que já tinha falecido, sendo um local de oração. Esta instituição é de cariz religioso, uma vez que abraça as orientações católicas e pastorais da Igreja. No entanto, esta encontra-se aberta a toda a comunidade sem restrições de qualquer outra religião que pais e filhos possam ter, respeitando a diversidade dos alunos, acolhendo-os sem qualquer tipo de distinção, fazendo os possíveis para os preparar para uma sociedade onde possuam voz.

Este Projeto Educativo surgiu pela necessidade da instituição (...) *querer colaborar na resolução de problemas da nossa sociedade.* O principal objetivo é *estabelecer normas de funcionamento e de convivência que permitam a participação, de todos e de cada um, na comunidade educativa.*

Este documento caracteriza a instituição ao nível da sua história, meio envolvente, materiais e espaço. Ao longo do documento, estão elencados os objetivos que defende, o lema que pratica, as suas finalidades, os elementos humanos que dela fazem parte, o projeto que estão a vivenciar, a sua organização e funcionamento. O Projeto Educativo contém as informações que visam caracterizar o meio cultural, socioeconómico, demográfico e de infraestruturas, tal como sublinha Antúnez (in Adelino Costa, 1991:25)

(...) é fundamental uma Análise do Contexto (legal, material e organizacional da instituição, ambiente socioeconómico, cultural, demográfico e infraestruturas da comunidade local) para que o Projeto Educativo possa responder com eficácia às necessidades da situação escolar concreta.

Relativamente ao meio envolvente, ambas as instituições situam-se na freguesia de Nevogilde, cidade e distrito do Porto. Esta freguesia situa-se no extremo ocidental da cidade, sendo uma zona eminentemente residencial e bastante homogénea, quer em termos sócio – económicos, quer em características ambientais. É um local de fácil acesso para transportes privados, no entanto também é munida de transportes públicos. As instituições inserem-se numa zona em que o tipo predominante de construção, nas proximidades há alguns espaços verdes, praias e uma marginal destinada à prática de alguns desportos. No que concerne à actividade económica envolvente, predominam os estabelecimentos de comércio, muitos deles destinados à camada social mais favorecida.

Confina a oeste com o Oceano Atlântico, a norte com o concelho de Matosinhos, a sul com a freguesia da Foz do Douro e a este com a freguesia de Aldoar. A localização desta instituição é facilitada pela rede de transportes públicos,

bem como de transportes privados. De acordo com os Projetos Educativos das duas instituições, *a maior parte das crianças desloca-se para a Instituição de automóvel, incluindo aqueles que residem nas proximidades do estabelecimento de ensino.*

A zona de inserção de ambas as instituições é servida de arruamentos, concretamente por ruas e avenidas, com boa visibilidade. Apesar disso, registam-se situações de congestionamento de trânsito nas horas de maior afluência às instituições, uma vez que a maioria dos pais pretende estacionar ou mesmo parar o carro em frente à escola.

Um dos pontos relevantes, que devem conter num Projeto Educativo, são os princípios básicos da instituição bem como os objetivos gerais que a instituição deseja promover, nomeadamente a nível pedagógico, institucional, relacional e administrativo. Estes são enumerados, separadamente, no Projeto Educativo.

No que concerne aos objetivos pedagógicos, estes são formulados com base no Princípio geral que consta nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (1997:15) ou seja,

a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo (...) estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

É com base neste princípio que são formulados os objetivos pretendidos a alcançar, ao longo dos anos. De acordo com o Projeto Educativo desta instituição o tema do Projeto Pedagógico é “Crescer Feliz” e visa *o desenvolvimento e aprendizagem das crianças Tendo como função (...) pretendendo ajudar a preparar as novas gerações para uma convivência de verdadeira fraternidade, permitindo uma formação integral e harmoniosa.* Podemos afirmar que este documento é de certo modo, o espelho da instituição.

Outro dos documentos importantes para contextualizar a instituição é o Regulamento Interno que segundo Rodríguez (in Adelino Costa, 1991:25) é

(...) o documento jurídico-administrativo-laboral, elaborado pela comunidade, que com carácter estável e normativo contém as regras ou preceitos referentes à estrutura orgânica, pedagógica, administrativa e económica, que regulam a organização interna do centro.

Segundo Lemos (2003:115), o Regulamento Interno analisado é *instrumento determinante no processo de construção da autonomia das instituições escolares, designadamente no plano organizacional.*

O Regulamento Interno da instituição do pré-escolar destaca as competências, o processo de disposição de seleção e admissão das crianças; regras de

funcionamento; direitos e deveres de cada interveniente da instituição; os horários e calendário, bem como a economia.

Esta instituição proporciona o envolvimento e a participação dos pais e/ou Encarregados de Educação na vida escolar dos filhos, em diversos eventos da sala e da instituição, no atendimento individualizado aos pais, em reuniões de pais e em conversas informais. É importante referir que uma boa relação entre a escola e os pais é uma variável de peso para o aproveitamento escolar, dado que *um grande objetivo das relações escola/famílias é aumentar a motivação e o aproveitamento escolares.* (Davies, 1997:107). Como tal, no decorrer da intervenção educativa teve-se em conta este envolvimento parental, bem como o da comunidade envolvente pois são elementos essenciais no processo educativo. É de salientar que este envolvimento (...) *previne a indisciplina nas aulas e promove o rendimento escolar dos alunos.* (Estanqueiro, 2010:111).

Posto isto, enquanto estagiámos no ensino da Educação Pré-Escolar também tivemos a oportunidade de participar em diversos envolvimento com a família/comunidade, pois vivenciou-se o Dia do Pai, o Dia da Mãe e a Visita ao Visionário em Santa Maria da Feira e diversas celebrações de cariz religioso, entre outras. (anexo g) Note-se que estes acontecimentos encontram-se calendarizados pela instituição e visam a envolvência do meio próximo (toda a comunidade). Também proporcionámos momentos de envolvimento parental no decorrer dos projetos de sala. Em relação ao estágio no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, os pais foram envolvidos em algumas atividades, sobretudo de pesquisa, realizada em casa com os seus filhos, dando assim o seu contributo nos trabalhos dos seus educandos.

Para além de se envolver os pais e a comunidade, durante a prática educativa desenvolveram-se outras atividades adequadas ao grupo em questão que visaram responder às necessidades apresentadas pelas crianças/alunos, tendo em conta os objetivos e a competências elencadas pelos documentos legais.

Em todas as instituições de ensino é formulado um Plano Anual de Atividades (PAA), sendo este

o documento de planeamento, elaborado e aprovado pelos órgãos de administração e gestão da escola, que define, em função do Projeto Educativo, os objetivos, as formas de organização e programação das atividades que procede à identificação dos recursos envolvidos. (Decreto-lei, 1998:5)

Este documento é de carácter pedagógico, estando organizado e planificado para dar respostas às necessidades e interesses das crianças e do Projeto Pedagógico. Este deve estar formulado com os objetivos, as atividades e sua organização, as estratégias, os recursos humanos e materiais, tal como mencionado

no DL nº 115-A/ 98 (...) *os objetivos, as formas de organização e programação das atividades que procede à identificação dos recursos envolvidos.* Ambas as instituições de ensino apresentam este documento que está organizado numa tabela que contém a calendarização das suas atividades, as saídas, bem como os dias importantes e festivos para as mesmas.

No entanto, no que concerne à instituição de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, esta é uma escola pública inserida num agrupamento que, segundo o Decreto-Lei Nº 75/2008 (...) *é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré -escolar e escolas de um ou mais níveis e ciclos de ensino (...).*

Em relação à instituição de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, averiguou-se que o Projeto Educativo contém um carácter identitário, ideológico, funcional, local e teórico. Ao longo deste documento, encontra-se também um organigrama do modelo de organização e gestão o regime de funcionamento, os recursos materiais e humanos de todas as escolas pertencentes, os princípios, os valores e os objetivos que o agrupamento defende.

Outro documento essencial para o bom funcionamento da instituição é o Regulamento Interno e segundo o Decreto-Lei Nº 115-A/98, este documento é o

(...) que define o regime de funcionamento da escola, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços de apoio educativo, bem como os direitos e deveres dos membros da comunidade escolar.

Verificou-se que existe um Conselho Escolar Pedagógico que é constituído pelo diretor, pelas coordenadoras pelos diversos departamentos escolares responsáveis por determinado ano de escolaridade e por todos os professores/educadores titulares.

No Regulamento Interno das duas instituições existem um conjunto de regras que deverão ser respeitadas, zelando assim pelo bom funcionamento de ambas as instituições.

Todavia, cada titular de sala é responsável pelo bom funcionamento do ambiente pedagógico. É essencial que adapte a sua prática ao grupo que se lhe apresenta. Como tal, conhecer e caracterizar o grupo é um dos primeiros passos a realizar. No entanto, por mais que haja um conhecimento teórico em relação aos vários domínios de desenvolvimento de uma determinada faixa etária, não significa que isso corresponda à realidade. Todos os grupos são diferentes, sendo então fundamental fazer uma caracterização real do grupo com o qual estamos. Segundo as

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:25), *o conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que esta sabe e é capaz de fazer para alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades*. Este conhecimento resulta de uma observação atenta das crianças, em contexto da sala nos vários espaços dos estabelecimentos de ensino, pelas conversas informais com os vários elementos das duas instituições e ainda supõe a necessidade de referências tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registo.

Em relação ao estágio realizado na instituição de Educação Pré-Escolar, o grupo era constituído por 25 crianças (10 raparigas e 15 rapazes), na faixa etária dos cinco anos, exceto um menino com seis anos que ficou retido na sala dos 5 anos, visto que ainda não se encontrava no patamar ideal para ingressar no 1º ano do Ensino Básico. (anexo h)

É importante realçar que o grupo tinha gémeos dizigóticos, sendo uma menina e um menino. O grupo, no seu conjunto, era heterogéneo, partilhando os mesmos interesses, mas, possuindo ritmos de aprendizagem muito diferentes. Para caracterizar o grupo de crianças no domínio cognitivo, sócio-afectivo, linguístico e psicomotor foi baseado em observações realizadas ao longo destes meses de estágio, bem como na caracterização real das crianças. Segundo, Oliveira-Formosinho (2003:153), ao nível das características da criança, *esta chama a atenção para a globalidade da educação da criança, uma vez que esta aprende e se desenvolve de forma integrada, não se podendo separar o aspecto afectivo, do social, do motor e do cognitivo*.

De acordo com o Plano Curricular de Turma, a maioria das crianças vive com os pais, tendo o auxílio destes no acompanhamento na vida escolar. Para a caracterização das famílias das crianças, foram analisadas as fichas de anamnese, preenchidas aquando da inscrição das crianças na instituição. Com estes dados foi possível definir o perfil sócio – familiar e compreender assim, os seus contextos familiares. A maioria dos pais e mães pertencem, profissionalmente, a quadros superiores e têm licenciaturas. Pode-se dizer que se trata de um grupo que economicamente se encontra numa situação de classe média-alta. (anexo i)

Relativamente ao Plano Curricular de Sala, este encontra-se finalizado e sujeito a avaliação. Este é um

Documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projeto Curricular de

Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma.
(Ministério da Educação, 2007:17)

Este documento foi formulado ao longo de vários meses e constou de vários aspetos, como a caracterização da sala, existindo momentos de aprendizagens às crianças, isto é, como se encontrava organizado o ambiente educativo; as rotinas diárias; as caracterizações dos grupos no que concerne a nível cognitivo, sócio - afetivo, linguístico, motor (anexo j); as necessidades das crianças e os objetivos gerais e específicos para cada uma das áreas de conteúdo, estando estes formulados com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e nas metas de aprendizagem. As estratégias que podem ser utilizadas para cada um dos conteúdos, a importância de uma relação entre todos os intervenientes educativos, assim como o trabalho de projeto e a avaliação também constam deste documento.

Relativamente ao grupo de crianças do estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico, este também era constituído por 25 crianças (15 raparigas e 10 rapazes), na faixa etária dos seis anos. No entanto, no último mês de estágio entrou um menino que transitou de outra instituição, fazendo assim as 26 crianças. (anexo h) É de salientar que este menino tem Necessidades Educativas Especiais, (NEE) uma vez e de acordo com os exames realizados no gabinete de psicologia é um menino sobredotado. Em relação as restantes crianças, este menino apresenta capacidades acima da média, como um vocabulário rico, rapidez na aprendizagem, assim como perseverança no trabalho e em atividades do seu interesse. Segundo Serra (2004:16), *as crianças sobredotadas não constituem um grupo único, parecido, homogéneo e facilmente reconhecível, em qualquer situação*, são sim, crianças como as outras, mas com capacidades superiores.

Como aconteceu no grupo da sala da instituição em Educação Pré-Escolar, neste grupo também existe um casal de gémeos, no entanto este também possui outros gémeos (duas meninas), para além de irmãos, na turma também existe outra relação familiar, o de primos (dois meninos). Como sabemos, os grupos são todos diferentes e para tal é essencial fazer uma caracterização do mesmo. Este grupo era homogéneo relativamente à idade, no entanto era muito heterogéneo a nível das aprendizagens e interesses decorrentes das vivências no seio familiar. Tendo em atenção que havia crianças com diferentes níveis de desenvolvimento, realizou-se trabalhos em grupo, sendo que nesses grupos havia vários patamares de desenvolvimento para que se apoiassem na resolução de problemas ou nas dificuldades encontradas, através de processos de cooperação e de interajuda (todos ensinam e aprendem) (Niza, 1998:141). Também com a troca de lugares na sala

efetuada pela professora titular da turma foi visível esta interajuda e a evolução de aprendizagem e atenção. Em suma, a aprendizagem pela ação não foi exceção, como tal, dentro da sala foram criadas oportunidades para que o aluno pensasse por si só e aprende-se com os seus próprios erros. A caracterização dos grupos é de acordo com os domínios cognitivos, linguístico e psicomotor. (anexo j) Ambos os grupos de crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos, segundo Jean Piaget (in Papalia, 2001:31) a criança encontra-se no estágio pré-operatório que se verifica entre os 2 e os 7 anos, *em cada estágio, a criança desenvolve uma nova forma de operar - de pensar e responder ao ambiente.*

Como o Plano Curricular de Turma não se encontra concluído, para a caracterização das famílias das crianças foram analisados na instituição os inquéritos, preenchidos aquando da inscrição das crianças na primeira reunião de pais. (anexo a) Com estes dados foi possível definir o perfil sócio – familiar e compreender assim, os seus contextos familiares. Os pais na sua grande maioria são licenciados, em cursos na área de Gestão, Direito, Engenharia, entre outras. No entanto há pais que têm a antiga 4ª classe, o 9º ano e o 12º ano. (anexo i) Pode-se considerar-se que se trata de um grupo que economicamente se encontra numa situação de classe média/alta. A maioria das crianças vive com os pais havendo, contudo, uma minoria que vive com a mãe e passa alguns dias com o pai.

Para finalizar, conclui-se que o Projeto Educativo (PI) foi realizado à medida da organização destas instituições. Com o auxílio deste documento, assim como do Regulamento Interno, (RI) tem-se uma noção do que se passa dentro de cada instituição.

2. Intervenção Educativa

O educador tem um papel fundamental na intervenção educativa, devendo ter em conta na sua prática vários aspetos. Assim, é importante que tenha em atenção como vem expresso nas Orientações Curriculares, (1997:24) *os objetivos gerais; a organização do ambiente educativo; as áreas de conteúdo; a continuidade educativa e a intencionalidade educativa.* Estes são aspetos que se encontram explicitados no documento Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

No que respeita à intencionalidade educativa, o educador/professor passa por diferentes etapas: observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. Nos estágios realizados, nas duas valências, todas estas etapas foram cumpridas, sendo

indispensáveis para a sua prática educativa, no entanto há que dar especial valor à etapa da observação.

É importante observar cada criança para conhecer as suas capacidades, interesses e necessidades, tentando perceber, também, qual a sua relação consigo mesma e com os outros. Este conhecimento resulta de uma observação contínua e de diferentes formas de registo (grelhas de observação, descrições diárias, registos de incidentes críticos). (anexo k) Ao longo dos dois estágios (Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico), foram aplicadas todas estas formas de registo de observação, através daquilo que se foi observado tanto na sala como no espaço exterior.

É necessário evidenciar que todos os educadores/professores partem do mesmo “depósito legal”, porém todos trabalham de forma diferente dado que não existe um modelo a seguir, todavia deve existir coerência em todo o processo educativo de um dado modelo curricular. Contudo, existem alguns modelos que podem servir de suporte à nossa prática.

Como está explícito nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:25) deve-se observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem (...). No decorrer dos primeiros dias de estágio decorridos nas duas instituições, a prioridade era a observação, pois como não se conhecia o grupo, nem o espaço, assim como as rotinas, a melhor forma para o conhecer era mesmo a observação. O espaço da sala foi observado com muita atenção, visto que este foi sofrendo alterações com a inclusão dos projetos de sala, isto, no que respeita à sala do Pré-Escolar. (anexo l) Em relação à disposição da sala de aula do 1º ano de escolaridade, na instituição de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi sendo alterada, conforme as atividades que se iam realizando. Dado que as salas onde os educandos estão inseridos são locais de aprendizagem e desenvolvimento, Serra (2004:17) refere que tal facto implica uma (...) *organização e gestão dos tempos, espaços, materiais e equipamentos*. Neste sentido, tentou-se, juntamente com as crianças/alunos transformar a sala num lugar escrupulosamente organizado e acolhedor, com vista a constituir um (...) *ambiente rico e estimulante de aprendizagens* (Zabalza, 1998:241).

Quando as atividades proporcionavam trabalhos em grupos, a sala era alterada para o efeito. (anexo m) No entanto, algumas atividades foram realizadas fora da sala de aula, exemplo do ginásio da instituição (atividades que necessitavam de mais espaço). (anexo m) Assim, a estagiária observou tudo o que conseguiu durante o tempo em que esteve a estagiar. No entanto, a observação deve ser feita diariamente.

Segundo Freinet, (1973:59) a diversidade de atividades materiais e tarefas que necessitam de ser geridas e divididas, *conjugando os gestos de cada um com as necessidades e os interesses comuns*, é o princípio que rege uma forma de planificação das atividades, logo desde o jardim-de-infância.

Sendo assim, o educador/professor deverá planear e intervir, segundo os interesses e necessidades das crianças (o que a criança é, o que sabe e o que pode aprender), ao nível das áreas de conteúdo, das áreas disciplinares, mas, principalmente, ao nível da socialização. A atividade da criança é questionar, participar na planificação das atividades e projetos, investigar e cooperar, isto tudo acontece em ambas as valências (Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico). O papel do agente educativo é organizar o ambiente, escutar e observar para planificar, documentar, avaliar, formular questões estender os interesses e os conhecimentos da criança e do grupo.

Contudo, isto não chega, sendo fundamental que o profissional de educação retenha algumas informações sobre o contexto de cada criança para poder adequar o processo educativo e as suas intencionalidades, de forma a colmatar as carências que algumas crianças apresentam. Após conhecermos o grupo que se nos apresenta e o contexto onde se encontram inseridos, podemos planear adequando as atividades de forma a proporcionar um ambiente de bem-estar e de aprendizagem ativa. Assim, planear é um ato indispensável, pois faz com que o educador/professor reflita sobre as suas intenções educativas e ajuda-o a adequá-las ao grupo de crianças com quem vai trabalhar. Ao planear, o educador/professor vai antevendo situações de aprendizagem, sendo que essa planificação tem de ter como base os interesses e as necessidades das crianças. É uma fase importante na prática do educador/professor que deve segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:26) (...) *planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e estimular cada criança (...)*.

No que respeita ao estágio em Educação Pré-Escolar, a planificação era semanal e realizada com a educadora cooperante, normalmente à sexta-feira, enquanto a planificação no estágio do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico era realizada à quarta-feira. É através desta que se toma a consciência da prática e acima de tudo faz refletir sobre as intenções pedagógicas e como se adequou ao grupo. Mas, também pensar nos recursos que se necessita e ter em conta os interesses e necessidades de todo o grupo de crianças. Sendo a planificação realizada com a educadora cooperante, no caso do estágio em Educação Pré-Escolar, havia alturas

em que era realizada com a presença das crianças, pois estas devem participar e colaborar nas escolhas de atividades para serem realizadas ao longo da semana. Em relação à planificação realizada na instituição de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, esta foi realizada na companhia da professora cooperante e do par pedagógico. Esta planificação era realizada, tendo em conta o programa estipulado pelo Ministério da Educação para o 1º ano de escolaridade. Segundo Ferreira (in Lopes, 2010), a planificação deve passar pela adaptação do currículo, tendo em conta o ritmo do grupo, bem como a sequência, sabendo que cada agente educativo utiliza a melhor forma de planificar.

A planificação pode ser feita em teia ou em rede, por tema e em tabela segundo alguns modelos. No estágio em Educação Pré-Escolar, no início a planificação foi realizada em tabela, mas depressa foi alterada para uma planificação em rede. (anexo n) Neste tipo de planificação é mais fácil perceber o que se vai trabalhar, visto que os conteúdos abordados se interligam. Com a realização deste tipo de planificação percebe-se o que vai ser feito durante a semana.

No que respeita ao estágio na sala do 1º ano de escolaridade, no início foi utilizada uma planificação em tabela que seguia os diferentes parâmetros: descritores de desempenho, conteúdos, atividades (descrição por ordem cronológica), recursos e tempo utilizado, assim como a avaliação. (anexo o) Estes parâmetros foram utilizados, uma vez que se aproximam com os parâmetros referenciados para a Educação Pré-Escolar, sobretudo a referência aos descritores de desempenho. No decorrer da intervenção, a planificação sofreu uma evolução, visto que, tendo em conta a sugestão da supervisora, trocou-se os descritores de desempenho pelos objetivos específicos. (anexo o) Os objetivos específicos são comportamentos esperados no final de uma ação, resultando da decomposição dos objetivos gerais em aspetos mais restritos.

Esta planificação segue o modelo racional-linear, uma vez que a perspetiva é centrada nos objetivos em primeiro lugar e depois nos modos de ação e atividades específicas. Os objetivos se forem definidos de uma forma explícita podem contribuir para comunicar, sem ambiguidade, as intenções das ações pedagógicas, servir de referência e de critério para avaliar e escolher os meios de remediar, ou melhorar, o processo ensino/aprendizagem. Este modelo justifica-se pela complexidade e mudança que caracterizam a vida escolar.

Na última semana de estágio, planificação foi realizada segundo um tema “Viva os Reis Magos”, uma vez que os conteúdos abordados foram ao encontro deste tema, e assim comemorou-se o “Dia dos Reis”, onde a turma do 1º ano de escolaridade foi

cantar às restantes turmas do mesmo ano, a música “Nós somos os três Reis” e assim desejar um bom ano a todos. (anexo o)

Segundo Ferreira (in Lopes 2010), *o planeamento visa assegurar que os objetivos a atingir estão corretamente definidos e estruturados e em relação à intervenção, esta é organizada por áreas temáticas, modalidades e formas de organização*. Assim, como refere as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:26) o *planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo (...)*. Como tal, aquando as escolhas das atividades, estas devem ser diversificadas de modo a contribuírem para o desenvolvimento global da criança e para uma maior igualdade de oportunidades. Para isso, é necessário um recurso de materiais adequado, para que as crianças possam explorar, transformar e manipular facilmente. Porém, a criança é o ser ativo e interveniente no seu processo de aprendizagem, logo a planificação não poderia ser realizada sem a participação destas. Posto isto, ao planificar contribuiu para a melhoria dos resultados obtidos, a facilitação da motivação dos alunos e das regras inerentes à intervenção. Assim, o educador tem de *agir* poder *concretizar na acção as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças (...)* (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997: 27) É essencial tirar partido das situações imprevistas que ocorrem durante as actividades e conseguir ser um “improvisador” para tais situações.

É aqui que o agente educativo coloca em ação as suas intenções pedagógicas. O educador/professor deve ter em atenção que a planificação é flexível podendo ser adaptada a alguma situação inesperada e às próprias propostas das crianças. Ao longo dos dois estágios (Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico), algumas planificações não foram cumpridas na íntegra, no entanto, a estagiária explicava o porquê, na sua reflexão semanal (anexo p). Assim sendo, no ato de *agir* não tem de cumprir rigorosamente aquilo que antecipou. Isto é algo que foi presenciado vivamente, dado que os interesses do grupo de crianças recaem facilmente para assuntos diversos e como tal é necessário explorá-los e não os deixar passar só porque temos uma planificação a cumprir.

É fundamental o educador/professor promover a interação das famílias e das comunidades no trabalho desenvolvido. Se tal acontecer, vai de encontro ao documento “*Perfis de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico*”. O facto dos adultos, que envolvem a criança,

participarem nas atividades, enriquece o processo educativo, permite organizar atividades mais ricas e captar a atenção das mesmas.

No estágio em Educação Pré-Escolar, muitas das atividades realizadas na sala estiveram relacionadas com os projetos que se viveram. Todos os intervenientes educativos foram chamados a participar neste projeto, sendo o mais relevante a participação da família. Neste sentido, algumas atividades realizadas pelas crianças foram com o auxílio dos pais. Fizeram várias pesquisas em casa, sendo que uma mãe levou para a sala material de decoração, para o Projeto da “Natureza”. Por isso a relação Escola/Família torna-se de extrema importância nesta cooperação. Segundo o Plano Anual de Atividades da instituição de ensino da Educação Pré-Escolar, *só este ano foi possível a abertura da sala à participação direta dos pais e dos avós.*

Este projeto surgiu através do baú. Tudo começou quando uma criança retirou de lá uma imagem de uma árvore. Este dia coincidiu com a chegada da Primavera. Esta árvore propôs uma atividade relacionada com a Natureza. Passados alguns dias, o baú tinha uma surpresa, um duende. Este trazia consigo uma mensagem relacionada com uma árvore que tinha aparecido na sala. (anexo q)

Foram várias as surpresas que o baú trouxe, como uma mensagem que falava sobre o meio ambiente, e que propunha um jogo sobre a reciclagem; um livro sobre “*O Coelhoinho Tremeliques*” que no seu interior trazia uma mensagem para as crianças. Nesta mensagem estava escrito que o grupo de crianças iria ter muitas actividades sobre esta história.

Este projeto teve como elemento fulcral o baú mágico, onde surgia tudo o que com ele estava relacionado. Antes de iniciar o projeto, o baú já trazia algumas surpresas e visto que as crianças gostam disto, a estagiária achou pertinente que o mesmo surgisse do baú. Com a realização deste projeto as crianças aprenderam muitas coisas de forma lúdica o que lhes permitiu divertirem-se enquanto aprendiam. Posto isto, e segundo Cortesão e al (2002:32), *um projeto é, deste modo, uma porta aberta sobre a curiosidade dos alunos – com o reconhecimento das competências básicas do trabalho científico - relativamente à orientação escolar e profissional, para além de constituir o suporte não só de uma educação para a cidadania e aprendizagem ao longo da vida (...).*

No entanto, para além deste projeto, as crianças já estavam a vivenciar outro, (“As Profissões”) que surgiu no início do ano. A estagiária conseguiu dar continuidade e um contributo na elaboração de atividades, de propostas de visita e na elaboração de materiais para o efeito. (anexo r)

O facto de vivenciar em simultâneo dois projetos fez com que se pudesse interligá-los e daí terem surgido várias atividades, evidenciando aspetos positivos, como a história para a festa de finalistas. (anexo s)

Em relação ao estágio de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, embora não tenha existido nenhum projeto de sala, as atividades foram desenvolvidas de forma lúdica e nalgumas delas com participação dos pais, nomeadamente em pesquisas realizadas em casa com os seus filhos (atividade “Reis Magos”). (anexo t) A participação e colaboração dos pais na escola são essenciais, uma vez que estes são os primeiros educadores e professores das crianças. Estanqueiro (2010:11) refere que é de salientar que este envolvimento (...) *previne a indisciplina nas aulas e promove o rendimento escolar dos alunos*. Segundo, Taylor e Brickman (1992:238) estes referem ainda que os pais *são os primeiros adultos a desempenhar um papel importante no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças*, sendo sem dúvida uma mais-valia na vida escolar dos filhos.

Para além de se envolver os pais e a comunidade, durante a prática educativa desenvolveram-se outras atividades adequadas ao grupo em questão que visaram responder às necessidades apresentadas pelas crianças/alunos, tendo em conta os objetivos e a competências elencadas pelos documentos legais. Seguidamente, irá abordar-se algumas das atividades que se aplicaram durante a prática pedagógica.

Ao longo destes meses, as atividades desenvolvidas pelas estagiárias foram muito diversificadas, nomeadamente, atividades ligadas à alimentação (roda dos alimentos), ao estudo do corpo humano (os seus constituintes e a sua importância), jogos matemáticos (cuisinier, dominó, blocos lógicos, moldura do 10, conjuntos), leitura de histórias e reconto das mesmas, por parte das crianças, jogos tradicionais e muitas músicas que se relacionavam com o conteúdo programático que estava a ser dado, assim como visitas à biblioteca da instituição. (anexo d) u)

Para além destas atividades, foram realizadas outras indo ao encontro do que foi programado pela instituição no início do ano letivo, como é o caso da “Feira das Compotas”. (anexo u) Esta atividade teve o contributo fundamental da família, uma vez colaboram ao levarem para a sala os alimentos que faziam parte da receita de cada compota. A cada sala estava destinado um fruto diferente para que depois de confeccionada a compota, esta tinha como destino a casa de alguma criança da instituição.

No dia da “Feira das Compotas”, a instituição estava aberta para que as famílias pudessem visitar e comprar as compotas que mais lhes agradassem, mas

sobretudo para verem o trabalho realizado pelos seus educandos. Como referem Holman e Weiter (in Taylor e Brickman, 1992:20), *a aprendizagem é vista como uma experiência social envolvendo interações significativas entre crianças e adultos*, uma vez que nesta feira as crianças aprenderam a cozinhar a compota estando ativamente participativos na sua confeção. Por isso, a relação Escola/Família torna-se de extrema importância nesta cooperação e as crianças ficam satisfeitas por poderem ter por perto os pais nestes dias. Segundo o Decreto-Lei nº 75/2008, artigo 47º refere que *aos pais e encarregados de educação e aos alunos é reconhecido o direito de participação na vida do agrupamento de escolas ou escola não agrupada. É fundamental que haja este envolvimento parental nas escolas, de modo a fundamentar a relação que existe entre escola e família.*

Nem todas as aprendizagens são realizadas dentro do espaço escolar e como refere Freinet (in Craveiro, 2007:135), (...) *a aprendizagem da criança não se realiza somente dentro dos limites da escola.* Para Freinet (1975:135), *o que está fora da escola é vital para uma aprendizagem que se liga à vida (...).* Posto isto, algumas turmas do 1º ano de escolaridade, tiveram a oportunidade de fazerem uma visita de estudo ao “Pavilhão da Água” no parque da cidade do Porto. Esta visita teve como intuito celebrar o Dia Mundial da Ciência e foi, sem dúvida, um momento para a criança contactar com o mundo cultural fora da Escola. (anexo u)

Outro fator muito importante que o profissional de educação não deve esquecer e segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:27) é o comunicar com os pais e com outros contextos que a influenciam, porque *permite um melhor conhecimento da criança (...)* e melhorar os benefícios para a educação desta. Esta comunicação é bastante importante para que se possa articular as duas valências (Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico). É essencial que exista colaboração entre os educadores e os professores do 1º Ciclo para facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória.

Na opinião de Vygotsky (in Vasconcelos, 1997:37) o adulto deve (...) *amparar as tentativas da criança para adquirir mais competência, não deixando, no entanto, de lhe colocar desafios que a façam progredir no seu desenvolvimento.* Assim, um educador/professor também deve ser recetivo e crítico, inovador e investigador de mais conhecimentos que favoreçam a aprendizagem; trabalhar em equipa; ter sensibilidade para auto avaliar-se; deve refletir antes, durante e depois da ação pois só assim vai conseguir planificar com intencionalidade.

Outro fator que reflete a prática de um agente educativo é o ambiente educativo onde está inserido, pois este é o seu “espelho”. É necessário que o educador/professor adeque a sua prática educativa ao grupo em questão proporcionando-lhes momentos de interação e socialização, tanto individual como em grupo. É necessário que os envolva na organização espacial da sala (pois as crianças devem conhecer as divisões e materiais desta) e que lhes proporcione momentos de espaço exterior (que deve ser aproveitado e planeado).

Em relação ao estágio em Educação Pré-Escolar, no início deste, a estagiária percebeu que a organização do espaço e dos materiais não era a ideal, e juntamente com as crianças reformularam a disposição da sala, permitindo assim, a inclusão de novas áreas de trabalho. (anexo l) Ao contrário do que sucedeu na sala do 1º ano de escolaridade, que o ambiente educativo estava organizado de modo a que as crianças pudessem trabalhar da melhor maneira. No entanto, houve necessidade de fazer alterações na disposição da sala para a realização de trabalhos de grupo. Em algumas atividades foi essencial que a turma trabalhasse em grupos. (anexo m) Em relação à organização de grupos, Freinet (1975) prevê momentos de atividade individual, de pequeno e de grande grupo. Este acrescenta ainda que além dos momentos dirigidos pelo professor, é essencial existirem momentos de atividades livres. Algo que também é essencial é a organização do tempo, que para as crianças fica marcado pelo estabelecimento de rotinas diárias. Porém, estas também podem e devem ser flexíveis desde que acordadas com todo o grupo.

Penso que, o facto de se orientar as crianças no decorrer das atividades, ajuda-nos a contemplar positivamente as necessidades curiosidades e solicitações das mesmas, na medida em que, quando se avalia, reconhece-se o seu progresso, a sua individualidade e as diferenças entre elas.

Todas estas fases devem ser concretizadas nas duas valências (Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico). Cabe ao agente educativo promover a continuidade educativa. Para a promoção desta, o conhecimento que o educador/professor adquire da criança e do modo como esta evolui, deve ser comunicado e partilhado com colegas e com os pais. Ao planificar, intervir e avaliar tornou-se um hábito no dia-a-dia de qualquer estagiária, e é sem dúvida muito gratificante. Contudo, e como refere Baptista (2005:108), *não basta planificar com rigor, preparar antecipadamente cada lição ou saber escolher o material didático, é necessário ir ao encontro da pessoa de cada aluno*. Neste sentido, é fundamental que o professor reconhece e respeita cada aluno, enquanto pessoa e membro a

comunidade, transmite confiança e crença na capacidade de mudança positiva protagonizada por cada um, e que acima de tudo valorize os passos dados, cada pequeno sucesso, cada momento de realização.

Assim sendo, no início do estágio de Educação Pré-Escolar, aquando da planificação a estagiária sentiu algumas dificuldades, pois não estava habituada a planificar daquela forma (planificação em rede). Posto isto, houve uma evolução das primeiras planificações para as últimas. Com a realização deste tipo de planificação tem-se a noção do que se vai fazer durante a semana.

Com o final dos estágios, foi verificado que dar voz ativa à criança é um princípio pedagógico e um direito da criança, sendo o meio caminho andado para o sucesso, pois esta fica mais motivada e inserida em todo o seu processo de aprendizagem. Mas, para que isso acontece é necessário que haja uma boa intervenção educativa por parte do professor. Quanto a isso, a estagiária desenvolveu um trabalho muito bom, na medida em que soube diferenciar os grupos com os quais estagiou, e acima de tudo teve em conta que todas as crianças são diferentes, com ritmos de aprendizagens também eles diferentes.

Em todas as etapas do desenvolvimento curricular, desde a definição de objetivos, à seleção de conteúdos e metodologias e às estratégias de avaliação, Baptista (2005:103) refere que (...) *o professor mobiliza competências de reflexão e decisão que são, na verdade, incompatíveis com o caráter meramente didático e técnico que caracteriza a imagem profissional evidenciada numa pedagogia.*

A planificação é uma fase imprescindível para a eficácia da intervenção. Quando se planifica, decide-se quais os conteúdos mais aliciantes para as diferentes crianças, pensa-se nos objetivos que queremos que sejam atingidos no final de cada atividade. No entanto, também temos objetivos pessoais que estipulamos no início de cada estágio, no momento em que estamos a conhecer o grupo. Através das reflexões que iam ser produzidas todas as semanas, esses objetivos eram delineados de modo a proporcionar momentos de relacionamento entre estagiária/crianças e também de modo a proporcionar uma boa prática educativa. Alguns dos objetivos propostos no início (conhecer o grupo de crianças na sua globalidade e plenitude, identificar problemas de aprendizagem e acima de tudo proporcionar uma boa prática educativa) não foram atingidos no momento, mas sim a longo prazo.

No estágio do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, aquando da realização da planificação, a supervisora aconselhou a estagiária a adoptar por um tipo de planificação eficaz, selecionado os objetivos, os conteúdos indicados, para que a as

atividades fossem planejadas corretamente e que no final a intervenção corresse da melhor maneira possível. Assim sendo, a planificação prende-se com uma eficaz gestão da sala de aula e dos comportamentos das crianças, assim o agente educativo prevê determinado tipo de questões para resolução de possíveis problemas.

Posto isto, aplicou-se uma pedagogia diferenciada realizando atividades nas duas valências em grupo ou mesmo individual de forma a ajudar algumas crianças a melhorar as suas competências. Para avaliar esta intervenção, a estagiária em conversas com a educadora/professora cooperante, e no caso concreto do estágio do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, com o par pedagógico tentava perceber a melhor forma de intervir, caso alguma atividade não corresse de perfeição. Nesse momento, a estagiária tentava perceber a razão e nessa mesma altura refletia com o intuito de reformular o que tinha corrido menos bem, arranjando soluções, estratégias. No final de cada semana de intervenção, sempre que possível, a estagiária questionava a educadora/professora cooperante sobre o desempenho, ficando assim a perceber como tinha corrido e se era necessário alterar alguma coisa na forma como ensinava os conteúdos programáticos. Já em sua casa refletia sobre a sua evolução na sua prática pedagógica, e para comprovar essa mesma evolução, baseava-se na grelha de acompanhamento que a sua colega de estágio realizava no final de cada mês. (anexo p)

Com tudo isto, e claro sempre com muita dedicação ao trabalho, a estagiária dedicou-se *de corpo e alma* à intervenção, (cantou, dançou, ensinou), sendo que desde o início dos estágios até a este momento, evoluiu imenso e considera que toda esta experiência de estar à frente de um grupo de crianças e poder intervir com todas elas foi importantíssimo e, sem dúvida, que vai ser muito útil no futuro. No início, quando a estagiária não conhecia o grupo de crianças, a sua intervenção ia ao que a professora cooperante lhe dizia para fazer, pois esta conhecia melhor o grupo de crianças. Passadas algumas semanas, a estagiária sentiu-se mais à vontade para intervir, uma vez que já conhecia o grupo e sentia-se mais à vontade com a professora cooperante. Esta dava toda a liberdade para a escolha das atividades que se realizavam durante a semana, mesmo assim, a estagiária pedia-lhe opiniões nas escolhas que fazia, para que tudo corresse da melhor maneira. Se as escolhas fossem bem-feitas cabia à estagiária proporcionar momentos ao grupo de crianças propícias às aprendizagens.

Assim sendo, a estagiária socorreu-se de estratégias que a ajudassem a avaliar a sua prática. Ao longo dos meses de intervenção através do acompanhamento

das aulas do par pedagógico e com a interajuda entre ambas, percebeu que o ideal era recorrer de mais recursos didáticos para dinamizar mais as suas aulas e para que as crianças pudessem ter momentos ricos em aprendizagens. Posto isto, recorreu de várias estratégias em alternativa às que estava a utilizar, como o recurso a material tecnológico (computador), na pesquisa de exercícios para a realização de fichas de trabalho, fugindo à rotina do que está estipulado nos manuais escolares e na construção de materiais. Com estas estratégias a sua intervenção educativa foi sem dúvida mais rica contribuindo para o desenvolvimento profissional e sobretudo para o sucesso das aprendizagens das crianças.

Em suma, o agente educativo deve, sem dúvida alguma, seguir o interesse da criança e arranjar estratégias de aprendizagem, tanto para o grupo como individualmente, sempre que necessário. Assim sendo, para avaliar a intervenção educativa a estagiária teve o apoio das supervisoras que lhe dava opinião do seu desempenho profissional (como tinha corrido e o que havia de ser modificado), a educadora/professora cooperante também foram essenciais neste percurso educativo, avaliando a sua intervenção no contexto escolar. Mas, não só de opinião de pessoas se avalia uma intervenção, as reflexões realizadas nos dois estágios (Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico) são exemplo do percurso realizado ao longo destes meses e que retratam a avaliação. Ao longo dos estágios, com a realização das grelhas de avaliação das atividades, a estagiária também avaliava o seu desempenho, refletindo das suas escolhas e da forma como intervinha.

Posto isto, a estagiária selecionou as atividades de acordo com os interesses e necessidades dos seus alunos, e assim criou condições para que o seu grupo pudesse ter uma aprendizagem relevante e significativa, realizando uma boa avaliação de tudo o que rodeia na sua prática educativa.

3. Avaliação das Aprendizagens

. O facto de se orientar as crianças no decorrer das atividades, ajuda-nos a contemplar positivamente as necessidades, curiosidades e solicitações das mesmas, na medida em que, quando se avalia, reconhece-se o seu progresso, a sua individualidade e as diferenças entre elas. O educador tem um papel essencial ao avaliar o processo e os seus efeitos, para adequa-los às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.

A **avaliação** em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.

Segundo, a Circular de Avaliação do Ministério da Educação (2007:1) o currículo do educador é *concebido e desenvolvido pelo educador, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, assim como as atividades e projetos curriculares com vista à construção de aprendizagens integrada.*

O agente educativo tem, portanto, um papel essencial ao **avaliar** o processo e os seus efeitos, para adequa-los às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação é fundamental na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico para acompanhar as aprendizagens e o desenvolvimento de todas as crianças

Para **avaliar as aprendizagens**, bem como o crescimento/desenvolvimento das crianças, o educador/professor terá que observar para registar, e depois planificar com as crianças de forma adequada. Segundo a Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997:27), a **avaliação** é o suporte do planeamento e (...) *implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças, do grupo e à sua evolução.* Esta, sempre que possível, deve ser feita com o grupo de crianças, visto que estes são parte integrante no processo de avaliação, como tal, a envolvência deles é crucial para que tomem consciência daquilo que conseguem ou não realizar.

Em ambas as valências, no início dos estágios, foi-se fazendo uma **avaliação** diagnóstica através da observação, uma vez que segundo Bloom, Hastings e Madaus, (in Ferreira, 2007:24) *quando efetuada antes da instrução [...] tem como função principal a localização do aluno; isto é, tenta focalizar a instrução, através da localização do ponto de partida mais adequado.* Com isto, obteve-se a caracterização de cada criança e do grupo em si, verificando-se assim a diversidade nos conhecimentos dos diferentes alunos, bem como as lacunas que necessitam de ser colmatadas.

Como já foi referido, a **avaliação** durante os estágios fazia parte do dia-a-dia de cada elemento integrado nas instituições. Posto isto, para fazer a **avaliação** das atividades, foram utilizados vários procedimentos de natureza descritiva e narrativa, centrados sobre o modo como a criança aprendia, como construía o seu conhecimento e como resolvia os seus problemas. Os procedimentos de **avaliação** utilizados foram a observação, os registos de observação, os registos fotográficos, as gravações de áudio e vídeo, as grelhas de avaliação de atividades, as fichas de trabalho, entre outros (anexo d) f). A apreciação do trabalho era feita continuamente com as crianças. Em pequeno ou grande grupo, foram decididas as metas a serem atingidas individualmente ou coletivamente que mais tarde foram avaliadas.

Esta diversidade de instrumentos de observação e de registos diversificados, permitiu compreender e, ao mesmo tempo, acompanhar a evolução das aprendizagens ao longo das atividades que eram realizadas, permitindo assim para uma reflexão e adequação de boa intervenção educativa. Posto isto, toda a informação recolhida destes instrumentos, fez com todos fossem adaptados de acordo com as necessidades de cada criança.

No estágio em Educação Pré-Escolar, para além destes instrumentos, utilizou-se um documento essencial de **avaliação** para uma boa prática educativa. Como foi referido no capítulo III, através da análise do PIP (Perfil de Implementação do Programa), foi avaliado o espaço da sala, as relações entre adulto/criança e criança/criança. Este documento foi muito útil, visto que é organizado segundo tópicos, o que facilita avaliação segundo vários parâmetros. (anexo e) Esta avaliação pode ser realizada duas ou mais vezes ao ano, uma no início e outra no final do ano letivo. O preenchimento do PIP realça os aspetos onde devia vir a investir e ao mesmo tempo intervir. No entanto, este documento não foi utilizado no estágio do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, visto que é mais específico para a valência da Educação Pré-Escolar.

Em relação ao estágio no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, a **avaliação** foi contínua, pois não se pode ficar só pela avaliação formal, ou seja, pela nota obtida numa ficha de avaliação, ou num texto, ou na resolução de questões matemáticas, entre outros. Como tal, é necessário realizar uma **avaliação** informal, uma vez que, como refere Boas (2006:18) (...) *ela é importante porque dá hipóteses ao professor de conhecer mais amplamente cada aluno: as suas necessidades, os seus interesses, as suas capacidades.*

Ao longo do estágio, realizou-se uma **avaliação** formativa. Esta permite verificar as dificuldades dos alunos no decorrer de todo o processo de aprendizagem pois, segundo Perrenoud (in Pais, 2002:45), (...) *coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e tudo o que os alunos adquiriram*. Porém, tal facto não inviabiliza a realização da **avaliação** diagnóstica ao longo do processo de ensino – aprendizagem, pois antes de abordarmos determinados conceitos, sentimos necessidade de obtermos informação do saber dos alunos sobre determinadas temáticas. Em qualquer grupo/turma que estejamos, tentamos que todas as crianças sejam parte integrante no processo de **avaliação**, como tal, a envolvência destes é crucial para que tomem consciência daquilo que conseguem ou não realizar. Para tal, o grupo de estagiárias decidiu fazer uma grelha de autoavaliação com diferentes itens (fez bem o grafismo, ultrapassou as margens, está com boa apresentação) para que as crianças, individualmente, pudessem se autoavaliar de acordo com o trabalho desenvolvido. (grafismo das letras). Após terminarem de realizar a ficha de grafismo das letras, realizavam a grelha de autoavaliação (anexo v). Esta grelha tinha como objetivo que as crianças conseguissem autoavaliar, tendo a perceção daquilo que conseguiram realizar e do que ainda têm a melhorar. É nossa intenção continuar que os alunos se autoavaliem nos diferentes trabalhos que são propostos a realizar.

Para além destes instrumentos, no final do período escolar (dezembro) nas três áreas disciplinares mais importantes (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio), foram realizados testes de **avaliação** sumativa pelos docentes que leccionam o 1º ano de escolaridade da instituição. Os testes eram iguais para as turmas do 1º ano de escolaridade, no entanto podiam ser realizados em dias diferentes da semana. Com a realização destes, o professor avalia os conhecimentos das inúmeras aprendizagens que foram realizadas desde o início do ano até ao último mês do ano civil. Fica-se, também, com a noção se realmente houve uma evolução de conhecimentos, ou se porventura a criança estava nervosa, uma vez que eram os primeiros testes de avaliação que iriam fazer, enquanto estudantes do ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Posto isto, a **avaliação** não é só realizada com as crianças, mas sim com toda a comunidade educativa. A **avaliação** é realizada com a equipa pedagógica, sendo realizada através do preenchimento de grelhas de avaliação trimestral. Em relação à participação da avaliação à família, esta é feita através de reuniões de pais, onde são apresentados os resultados dos trabalhos realizados pelos seus filhos e onde será

discutida a evolução de cada criança registada nos portfolios, (Educação Pré-Escolar) nos dossiers e nas fichas de avaliação (1º Ciclo do Ensino Básico) e nos registos de observações realizadas pelo agente educativo. Sendo assim, a avaliação também é realizada pela comunidade educativa.

Em suma, cabe ao professor ajustar a sua ação, selecionando atividades de acordo com as características dos alunos, de modo a criar condições para que o aluno possa ter uma aprendizagem relevante e significativa, realizando uma boa **avaliação** de tudo o que rodeia na sua prática educativa. Com isto, entende-se que o educador também tem de avaliar a sua prática pedagógica e não só o grupo de crianças. Neste sentido, professor também é responsável pela sua própria avaliação, pois só assim é que conseguirá mudar ou ajustar a sua prática pedagógica desenvolvida.

V. REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO

Ser professor é uma profissão que, segundo Baptista (2005:113), (...) *assume a responsabilidade de ajudar a dar rosto ao futuro (...)*, tornando-se assim numa profissão exigente em relação à qualidade do seu desempenho. Entende-se assim que é uma profissão comprometida com a procura de mais conhecimento, de mais capacidade e mais compreensão.

Posto isto, o desenvolvimento profissional dos professores depende muito da forma como for valorizado o capital de saber, acumulado ao longo da experiência. Para tornarmo-nos uns professores com sucesso, segundo Baptista (2005:16) *é necessário identificar e problematizar os conhecimentos e as competências, que um docente necessita de ter à sua disposição, em cada momento e em diferentes dimensões, algumas condicionantes que surgem na prática pedagógica (natureza administrativa, institucional, social, educativa e pessoal)*.

Assim sendo, o professor constrói o seu próprio conhecimento, através do seu percurso profissional e pessoal.

Durante os meses de estágio realizados nas duas valências, foram várias as situações vivenciadas que comprovam um conhecimento dos saberes e das competências que um profissional de educação deve ter. As estratégias de ensino-aprendizagem aplicadas, fez com que estas estivessem inteiramente ligadas ao dia-a-dia da estagiária, na medida de melhorar a sua prática.

Ao longo deste tempo, no que respeita à intencionalidade educativa, a estagiária passou por diversas etapas: observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. Todas elas são importantes, mas há que dar especial valor à etapa da observação. No início dos estágios, a observação foi a etapa mais utilizada e, mais importante, pois realizava-se muitos registos.

Com o passar do tempo e quando se começou a intervir, os registos não eram realizados com tanta frequência. No entanto, no desenrolar da prática, foi-se conseguindo articular a observação com a realização das atividades.

Posto isto, é importante observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses, necessidades e motivações, tentando perceber, também, qual a sua relação consigo mesma e com os outros.

No início do estágio em Educação Pré-Escolar, aquando da planificação foram sentidas algumas dificuldades, pois a estagiária não estava habituada a planificar em

rede. Esta foi das primeiras vezes que a estagiária planificou desta forma, uma vez que no início do estágio a planificação era realizada em grelha. Posto isto, houve uma evolução das primeiras planificações em rede para as últimas. No futuro, penso que esta forma de planificar vai ser adotada, pois é através dela que se toma consciência da prática e, acima de tudo, faz refletir sobre as intenções pedagógicas e como se adequa ao grupo. Com a realização desta planificação, percebe-se o que vai ser feito durante a semana.

Quando o estágio nesta valência se iniciou, o grupo de crianças já estava a vivenciar um projeto de sala, no entanto, a estagiária conseguiu dar continuidade e um contributo na elaboração das atividades, de propostas de visitas e na elaboração de materiais para o efeito. (anexo q) r) A implementação de projeto de sala é fundamental para as crianças fazerem pesquisa, se integrarem uns com os outros e, acima de tudo, fazerem trabalho cooperativo. Neste estágio, a estagiária teve a oportunidade de usar a metodologia de projeto e no futuro tenciona aplicá-la quando estiver a exercer a sua prática educativa como profissional, num jardim-de-infância. Segundo Katz (1997:5) refere que o trabalho de projeto incentiva (...) à *participação ativa das crianças nos seus próprios estudos*. Os projetos de sala foram, sem dúvida, um elo de ligação com a família, permitindo assim, a participação dos pais, nas pesquisas realizadas em casa, assim como na construção de materiais. Embora no estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico não tenha ocorrido nenhum projeto de sala, todas as atividades foram desenvolvidas tendo a participação ativa de toda a turma.

Em ambas as valências, a participação da família foi algo que a estagiária tentou sempre que possível implementar na prática, pois considera fundamental para o desenvolvimento e crescimento das crianças. Assim, durante os estágios, os pais também participaram nos dias festivos dedicados a eles (dia do pai e da mãe), na instituição do estágio em Educação Pré-Escolar. A estagiária ajudou na preparação da recepção aos mesmos e o sorriso que as crianças revelaram nestes momentos superaram qualquer dificuldade sentida.

Já no estágio no ensino do 1º Ciclo Ensino Básico, a família participou na “Feira das Compotas”, através da sua visita e no contributo monetário com a compra das compotas. Em relação à participação das atividades de sala de aula, os pais realizaram pesquisas com os seus filhos em casa, dando assim o seu contributo na vida escolar. (anexo t)

Posto isto, a escola deve incentivar a participação da família e estabelecer relações entre esta e a comunidade, uma vez que a participação dos pais é bastante

importante em todo o processo da intervenção educativa. Assim, tal como já foi referido, a estagiária proporcionou este envolvimento parental, que julga ser bastante importante, sobretudo, para as crianças que sentem que estão a ser acompanhadas. Desta forma, no futuro, este envolvimento deve existir sempre que possível.

Nos estágios das duas valências, para além de observar, de planificar, de intervir, também é preciso avaliar. Para avaliar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, realizava-se grelhas de avaliação no final das atividades. Para além das grelhas, também os portefólios (se forem bem construídos) e os dossiers das crianças são ótimos instrumentos de avaliação, uma vez que se avalia as aprendizagens das crianças, assim como a sua evolução durante o ano letivo. Enquanto no Ensino Básico se tem um programa a cumprir, na Educação Pré-Escolar, este baseia num currículo emergente, sendo que em ambos evidencia-se a participação ativa da criança.

Posto isto, para além do que foi referido, foram vários os sucessos conseguidos e desenvolvidos ao longo destes meses. Ao longo desta caminhada foram várias as experiências que foram vivenciadas. Todas contribuíram para o crescimento e desenvolvimento enquanto pessoa e profissional. O facto de a estagiária ter estado numa sala do 1º ano de escolaridade, fez com que não tivesse muita dificuldade em dar as suas aulas e de ter o controlo do grupo. Isto porque, no ano transato estagiou no Pré-Escolar numa sala dos cinco anos. Foi uma transição que foi facilitada pelas idades das crianças e pelo facto do Pré-Escolar e o 1º ano do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico se complementarem. Enquanto na Educação Pré-Escolar há mais afetividade, o 1º Ciclo do Ensino Básico está direccionado para um percurso académico, sendo que um 1º ano de escolaridade as crianças ainda estão numa fase de transição. O facto de a estagiária ter tido a oportunidade de lecionar uma turma do 1º ano do Ensino Básico foi muito vantajoso, uma vez que é um ano importantíssimo para as crianças, onde aprendem a escrever e a ler pela primeira vez. Note-se que foi crucial reconhecer as realidades de ambas as valências, nomeadamente no que diz respeito aos instrumentos de organização social utilizados em sala, pois proporcionaram uma aproximação e continuidade entre os dois níveis de ensino.

Em suma, ambos os estágios fizeram com que se crescesse a nível pessoal e profissional, mas ainda existem muitos aspetos a melhorar enquanto profissional. A experiência profissional, segundo Baptista (2005:116) (...) *converte-se em sabedoria quando é problematizada, refletida e partilhada num contexto de relação entre pares*. Posto isto, a estagiária aprendeu muito ao lado das pessoas com o qual teve a oportunidade de estagiar (educadora/professora cooperante, auxiliares, grupo de

estagiárias da instituição do 1º Ciclo do Ensino Básico) e também com as críticas construtivas das suas orientadoras cooperantes. É neste sentido que é fundamental colaborar com as colegas com vontade de comunicar, partilhar, conviver e inovar, pois só assim se consegue um bom desenvolvimento a nível profissional.

No entanto, o convívio entre professor/aluno também deve ser o mais propício para o ensino da aprendizagem, pois por parte do professor este ao ensinar, não só deve ensinar as suas matérias, mas sim fazer com os seus alunos aprendem de uma forma autónoma e capazes de serem eles próprios e pensarem por si. Assim, nesta longa caminhada, a estagiária foi capaz de fazer com o que os seus grupos de crianças aprendessem autonomamente e tivessem uma aprendizagem ativa e participativa.

Para que este percurso corresse da melhor forma, a prática educativa da estagiária foi baseada num conhecimento científico, pois só desta forma é que qualquer professor potencia uma boa aprendizagem.

Em suma, o grupo de alunos do 1º ano de escolaridade pertencente à instituição de ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, fez com que a estagiária refletisse e se apercebesse que ser professora é tão maravilhoso como ser educadora. E para ter sucesso enquanto profissional, basta pensar no que as crianças têm de melhor que tudo se torna perfeito.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada profissional de educação assume e encara e experiencia a sua profissão, tendo em conta a sua identidade, dando-lhe o seu cunho pessoal. Assim, pode-se dizer que, segundo Cardona (in Craveiro, 2007:85), existem *diferentes formas de ser educador/professor*. Posto isto, emergem algumas questões: o que é educar hoje? Qual é o papel do agente educativo?

Refletindo neste momento, atribui-se às relações um papel primordial no desenvolvimento da conquista das aprendizagens da criança. Segundo Craveiro (2007:88), *esta aprende e se desenvolve de forma integrada, não se podendo separar o aspeto afetivo, do social, do motor e do cognitivo*. Sendo assim, educar deve reunir várias áreas, atribuindo um papel de destaque às possibilidades de globalização do conhecimento.

Ao longo deste percurso educativo foram várias as experiências que foram vivenciadas, contribuindo assim para o crescimento e desenvolvimento enquanto pessoa e profissional.

Nos inícios dos estágios, nas valências de Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico a estagiária deparou com algumas limitações e obstáculos (anexo w). O facto de não conhecer a educadora/professora cooperante, surgiu o receio que a relação entre estagiária e educadora/professora não fosse a melhor, e que não estivesse preparada para dar aulas a um 1º ano de escolaridade (no caso concreto do 1º Ciclo do Ensino Básico) para novas ideias de atividades, de estratégias. Esta limitação foi logo ultrapassada, tanto a educadora como a professora cooperante mostrou-se à vontade para receber novas ideias, mostrando-se recetivas para tudo, estando ambas de acordo que as estagiárias são uma mais-valia. No entanto, no estágio do Pré-Escolar surgiram outros obstáculos, sendo que um deles foi a rotina imposta pela instituição (horário das extracurriculares), onde a estagiária conseguiu dar resposta às rotinas, respeitando as necessidades do grupo das crianças, realizando assim as atividades planificadas no início da semana. Posto isto, a grande preocupação aquando da planificação foi o tempo. Para colmatar esta dificuldade, foram encontradas estratégias de modo a combinar intencionalidades da estagiária com as das crianças, de modo a não exceder o tempo disponibilizado. Ao longo destes meses de intervenção, após fazer algumas reflexões e realizar avaliações semanais, a estagiária tornou-se mais consciente de algumas das suas dificuldades, tendo conseguido, com bastante empenho e dedicação, ultrapassá-las. (anexo p)

Relativamente, à intervenção educativa nos dois níveis de ensino, foram vários os aspetos positivos vivenciados: aplicou-se uma pedagogia ativa e participativa, onde as crianças participaram e tiveram uma aprendizagem ativa, como por exemplo na construção de materiais, nas diversas atividades de sala, nas atividades relacionadas com os projetos de sala (Pré-Escolar), entre outras.

O surgimento dos projetos de sala e a construção de materiais foram o ponto de partida para providenciar o imaginário do grupo de crianças e criar ao mesmo tempo oportunidades de aprendizagem.

O facto de ter existido uma entreatajuda no grupo de estagiárias no estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico foi muito gratificante, pois houve uma partilha de saberes e, sem dúvida, que foi uma mais-valia no contributo na realização das atividades.

Para além dos aspetos positivos referidos, outro ainda pode ser salientado: a visita a outra instituição cooperante de estágio na valência de Educação Pré-Escolar (anexo x). Neste caso, foi muito gratificante perceber e estar em contacto com uma realidade bem diferente daquela vivida. Esta experiência fez com que existisse uma cooperação entre os estagiários envolvidos nas duas instituições, possibilitando a visita a ambas.

Os estágios nos dois níveis de ensino foram muito produtivos, contribuindo para um crescimento tanto pessoal como profissional. Importa referir que educar não significa apenas ensinar, é essencial evidenciar uma postura de carinho com os alunos, e assim como refere Craveiro (2007:91) subsistindo uma *forte conexão entre a função educar e de cuidar; entre a função pedagógica e a de cuidados*.

Em suma, é por tudo isto, que distingue o ser educador/professor das outras profissões, pois provavelmente esta não se resume a um simples trabalho, mas sim a uma conquista pessoal, a uma oportunidade de ser e fazer feliz, uma vez, e como refere Oliveira-Formosinho (in Craveiro, 2007:91), *exige do professor a capacitação pessoal e não só a profissional*. Como tal, ser professor também é colocar algo de pessoal na sua profissão, pois não se consegue ser só profissional.

VII. BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Isabel (2000), *Professor-Investigador: Que sentido? Que informação?* Formação Profissional de Professores no Ensino Superior, organizado pelo INAFOP, Aveiro: Universidade de Aveiro
- BAPTISTA, Isabel (2005). *Dar Rosto ao Futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Predições. 1ª Edição
- BOAS, Villas, Benigna Maria de Freitas (2006) Potfolio, Avaliação e Trabalho Pedagógico, Campinas, São Paulo: Papyrus
- BOGDAN, Roberto C, BIKLEN, Saria Knoop (1994), *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto: Porto Editora
- CRAVEIRO, Clara (2007) – *Formação em Contexto – Um Estudo de Caso no âmbito da Pedagogia da Infância*; Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança
- COHEN, L., e MANION, L. (1989), *Research Methods in Education*, 3ª ed., Londres: Routledge
- COSTA, Jorge Adelino (1991), *Gestão Escolar*, Lisboa: Texto Editora
- CORTESÃO, Luiza, LEITE, Carlinda, PACHECO, José Augusto, (2002), *Trabalhar por projectos em Educação – Uma inovação interessante?* Porto: Porto Editora;
- DAVIES, Don. MARQUES, Ramiro, e SILVA, Pedro (1993). *Os professores e as famílias – A colaboração possível*; Lisboa: Livros Horizontes
- DEWEY, John, (1952), *Experiência e Educação*, São Paulo: Companhia Editora Nacional
- ESTANQUEIRO, António (2010). *Saber Lidar Com as Pessoas- Princípios da Comunicação Interpessoal*. Lisboa: Editorial Presença
- FERLAND, Francine, trad. Rocha, Rita (2006); *O desenvolvimento da criança no dia-a-dia: do berço à escola primária*; Lisboa: Climepsi Editores
- FERREIRA, C.A. (2007). *A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora
- FREINET, Celestin (1975), *As técnicas de Freinet da escola moderna*, Lisboa: Editorial Estampa
- GONÇALVES, Daniela (2010), *Complexidade e Identidade Docente: A Supervisão Pedagógica e o (e) Portfolio Reflexivo como Estratégia (s) de Formação nas Práticas educativas do futuro professor – Um estudo de Caso*. Vigo: Universidade de Vigo – Campus Universitário de Ourense, Faculdade de Ciências da Educação – Departamento de Análise e Intervención Psicosocioeducativa. Tese de Doutoramento
- HOHMANN, M., e WEIKART, D.P (2009), *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- HOHMANN; BANET e WEIKART (1992). *A criança em ação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- KATZ, L. G. e CHARD, S. (1997), *A Abordagem de Projecto na Educação de Infância*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- LEMONS, Jorge, *Autonomia e Gestão das Escolas*; Porto Editora; Porto
- LINO, D. (1998), *O Modelo Curricular para a Educação de Infância de Reggio Emilia: Uma Apresentação* In Formosinho, Modelos Curriculares para a Educação de Infância, Porto: Porto Editora;

- LOPES, J.C. (2010). *Supervisão e Avaliação de Formação: Metodologias para a avaliação de competências no processo formativo*. Salamanca: Universidade de Salamanca
- MALAGUZZI, L. (2008). *História, Ideias e Filosofia Básica*. In: C. Edwards, L. Gandini, e G. Forman, *As Cem linguagens das Crianças*, Porto Alegre: Artmed
- MARQUES, Ramiro (2000), *Dicionário breve de pedagogia*, Lisboa: Editorial Presença
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997), *Educação Pré – Escolar: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: Editorial Ministério da Educação
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (1998), *Qualidade e Projecto – na Educação Pré-Escolar*, Lisboa: Editorial Ministério da Educação;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001); *Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do professor do 1º ciclo do Ensino Básico – Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto*; Lisboa: Editorial do Ministério da Educação
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2004), *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*, Departamento da Educação Básica, 4ª edição; Lisboa: Editorial do Ministério da Educação
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007) Circular nº 17/DSDC/DEPEB; *Gestão do Currículo na Educação Pré-escolar*; Lisboa: Casa da Moeda
- MURCIA, Juan Antonio Moreno e colaboradores (2005) *Aprendizagem através do jogo*; Porto Alegre: Artmed
- NIZA, S. (1998) *O Modelo Curricular de Educação Pré – Escolar da Escola Moderna Portuguesa*. In: J.O. Formosinho, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância (2ª edição)*. Porto: Porto Editora
- NUNES, Jorge (2000). *O Professor e a Ação Reflexiva, Portfolios, “Vês” heurísticos e mapas de conceitos como estratégias de desenvolvimento profissional*, 1ª edição, Junho, Lisboa: Edições ASA, S.A
- OLIVEIRA – FORMOSINHO, J. (2003); *O Modelo Curricular do MEM - Uma Gramática Pedagógica para a participação guiada*. Escola Moderna, Porto: Porto Editora
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.(2002). *A formação em contexto – a perspetiva da Associação da Criança*; São Paulo: Artemed
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*; Porto: Porto Editora
- PAPALIA, Diane E., Olds, Sally Wendkod; Feldman, Ruth Duskin, (2001), “O Mundo da Criança”, Lisboa: Mc Graw-Hill
- PAPER, Seymour (1997), *A Família em Rede – Ultrapassando a barreira digital entre gerações*, Lisboa: Relógio d`Água Editores
- PROJECTO EDUCATIVO da Instituição Cooperante do Ensino Pré-Escolar (julho de 2010)
- PROJECTO EDUCATIVO da Instituição Cooperante do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (2009/2012)
- PERRENOUD, P.(2005). *Aprender a Negociar a Mudança em Educação*; Lisboa: Dom Quixote
- SERRA, Helena (2004), *O Aluno Sobredotado, Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas (APCS)*, Vila Nova de Gaia: Gailivro
- TAYLOR, L e BRICKMAN, N. A. (1992) *Aprendizagem Ativa, Ideias para apoio às primeiras aprendizagens*, Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian
- VASCONCELOS, T., (1997), *Ao redor da Mesa Grande: a prática educativa de Ana*, Porto: Porto Editora

- VASCONCELOS, Teresa (2000), *Educação no mundo*, in cadernos de educação, Lisboa: Ministério da Educação
- VILAR, Alcino Matos (1993), *Inovação e Mudança – na reforma educativa*, Porto: Edições Asa, 1ª Edição
- ZABALZA, M.A. (1998), *Didáctica da educação infantil*, 2ª edição, Rio Tinto: Edições ASA

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei nº43/89 de 3 de Fevereiro, Legislação, Constituição Portuguesa, Revisão de 1989

Decreto-Lei nº 219/97 de 20 de Agosto de 1997, Diário da República - Série A, alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo

Decreto-Lei nº 115-A/98 de 4 de Maio de 1998, Autonomia das Escolas, Diário da República - Série A

Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto de 2001; Perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e professor do 1º Ciclo do Ensino Básico

Decreto-Lei nº 75/2008, Diário da República, 1ª Série, Nº 75 de 22 de Abril de 2008, Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário

Circular nº 17/2007 DSDC/DEPEB/2007

Lei de Bases do Sistema Educativo, art.7º - Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto de 2005

Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar – Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro de 1997